

DOUGLAS MAGNILSON SANTOS DA SILVA

A POESIA DE TEMÁTICA SOCIAL EM REVISTA E BLOG

ESTRÉPITO



FUEGO DE LUKA



GRANUJA



Criação Editora

A POESIA DE TEMÁTICA
SOCIAL EM REVISTA E BLOG:
ESTRÉPITO, GRANUJA
REVISTA E FUEGO DE LUKA

AUTOR

Douglas Magnilson Santos da Silva

ISBN

978-85-8413-265-2

**EDITORA CRIAÇÃO
CONSELHO EDITORIAL**

Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

Douglas Magnilson Santos da Silva

**A POESIA DE TEMÁTICA
SOCIAL EM REVISTA E BLOG:
ESTRÉPITO, GRANUJA
REVISTA E FUEGO DE LUKA**



Criação Editora
Aracaju | 2022

Copyright 2022 by Douglas Magnilson Santos da Silva

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

Foto da capa
Arquivo pessoal do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

S586p	Silva, Douglas Magnilson Santos da. A Poesia de Temática Social em Revista e Blog: <i>Estrépito, Granuja Revista e Fuego de Luka</i> / Douglas Magnilson Santos da Silva; Prefácio de Christina Ramalho.. -- 1. ed.-- Aracaju, SE : Criação Editora, 2022. 127 p. ISBN 978-85-8413-265-2 1. Literatura. 2. Análise Crítica. 3. Revistas. I. Título. II. Assunto. III. Douglas Magnilson Santos da Silva CDD M860 CDU 82-95 (72)
-------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura do México: Crítica literária.
2. Literatura: Crítica (México).

Dedico a Augusto Ursulino da Silva
e a Maria José da Silva, meus avós
paternos, por me mostrarem a poesia
que não está nos livros.



PREFÁCIO

Razão e sensibilidade

Não. Não falarei aqui – nem teria justificativa para isso – do famoso romance da escritora inglesa Jane Austin. O que faço é apenas trazer, de 1811 para 2022, um título que me parece perfeito para descrever Douglas Magnilson Santos da Silva e sua trajetória pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana, que chega a seu fim com o Trabalho de Conclusão de Curso, agora vestido de e-book, seguindo recomendação da própria banca da defesa do TCC.

A mente inquieta e a sensibilidade à flor da pele de Douglas marcaram uma presença ímpar nas salas de aula e nos corredores da UFS. Poeta, com todas as letras; estudioso, também com todas as letras; curioso, como cabe a qualquer pesquisador ou pesquisadora; e pessoa que soube conquistar muitas amizades, por sua forma gentil e mesmo tímida de ser, Douglas conseguiu, com seu Trabalho de Conclusão de Curso, não só finalizar muito bem uma etapa importante de sua vida como já formar o solo para caminhadas futuras.

O encontro de Douglas com a poesia mexicana contemporânea fundiu razão – a mola natural de uma vida acadêmica pautada pela ciência – e sensibilidade – a outra mola que também deveria estar sempre presente no campo das investigações científicas, mas que, infelizmente, nem sempre está – e resultou em um trabalho que evidencia as duas faces de um estudante poeta que vê o mundo com olhos de maravilhamento e de seriedade. Por isso, ao lerem as análises que ele faz de alguns poemas extraídos das revistas *Estrépito* e *Granuja* e do blog *Fuego de Luka*, vocês perceberão como a sensibilidade de Douglas permite

que ele, com muita facilidade, penetre no mundo das palavras portando chaves próprias, que a razão também ajudou a encontrar.

Como estudante sério, ele buscou os fundamentos teóricos e críticos para conduzir sua sensibilidade, o que, absolutamente, não significa que não precisa continuar estudando e fabricando chaves, porque o caminho da aprendizagem apenas começou. Mas é surpreendente que alguém tão jovem nos caminhos da crítica literária já consiga navegar pela poesia (e consideremos que é uma poesia de outro país, escrita em outra língua) com tanta naturalidade. Isso é fruto, sim, da fusão entre a sensibilidade e a razão, e nos faz crer que, de fato, não só Douglas chegou ao final de uma jornada como já abriu as portas para dar início à outra, pois é impossível ler este e-book e não o imaginar trilhando as vias do Mestrado. Se isso acontecerá ou não, caberá a ele. Entretanto, como eu disse, é inevitável desejar que ele siga em frente e nos ofereça mais momentos de surpresa e encantamento com sua sensibilidade de poeta transformada em sensibilidade de crítico literário.

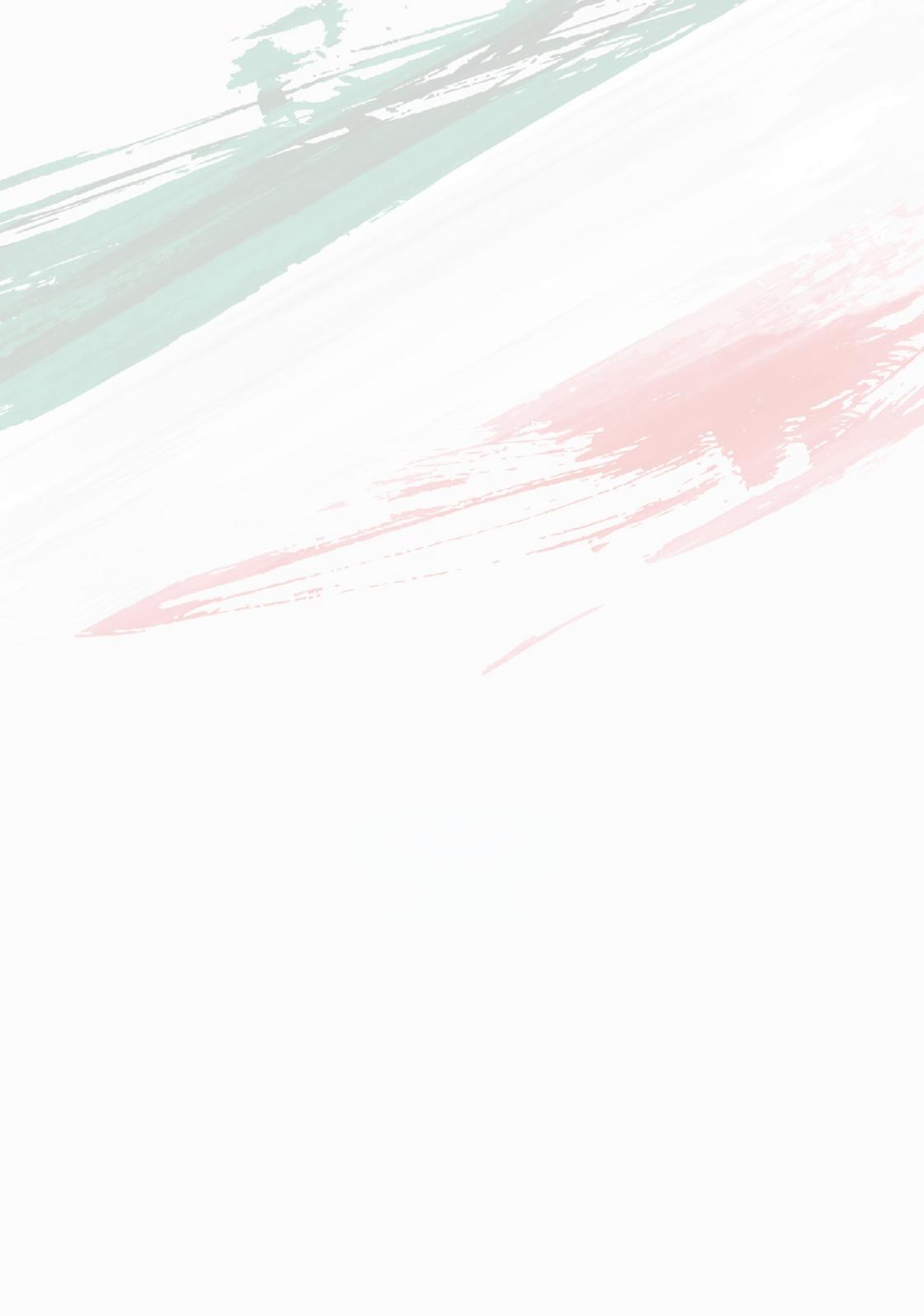
Eu conheço a poesia de Douglas. Prefaciei um livro ainda não publicado por meras questões editoriais (afinal, falta sensibilidade às “razões do mercado”). Conheço sua atuação como pesquisador, pois me acompanhou no projeto “Sergipe é Poesia!”, visitando comigo algumas cidades do interior de Sergipe, quando levamos o projeto a docentes interessados/as em ampliar o gosto pelo trabalho com a poesia em sala de aula. Conheço, ainda, e sem medo de repetir tantas vezes o verbo conhecer, sua seriedade e empenho como crítico, pois acompanhei, como sua orientadora, a realização de A poesia de temática social em revista e blog: Estrépito, Granuja Revista e Fuego de Luka. Guardo comigo a alegria de ter apresentado a Douglas os responsáveis por essas revistas e blog: José Zenteno Aguilar, Andrés Gómez B. e Adso Eduardo Gutiérrez Espinoza, respectivamente. E é só. Mais não fiz, além do óbvio acompanhamento do trabalho, que, verdadeiramente, não me deu trabalho algum, já que Douglas assumiu integralmente as rédeas de sua história

acadêmica e buscou todos os instrumentos necessários para seguir em frente. E mais: Douglas superou seus limites, dedicando-se à tradução dos poemas e das entrevistas, de modo a oferecer a quem o lesse aqui no Brasil a oportunidade de conhecer melhor tanto as revistas e o blog como os poemas de temática social que selecionou para analisar.

Concluo reafirmando “razão” e “sensibilidade” como signos que definem o autor do texto que lerão e desejando que Douglas, nos novos caminhos que trilhará, continue investindo em seu crescimento científico, descobrindo novas teorias e fundamentos que ampliarão as bases para novas reflexões, sem jamais deixar de lapidar o diamante da sensibilidade que possui, porque, de fato, sem sensibilidade, a razão é apenas o palco para o egocentrismo inútil de uma ciência sem humanidade.

Que leitoras e leitores desfrutem deste e-book cientes de que o que ele oferece é um primeiro olhar de Douglas Magnilson Santos da Silva para a jovem poesia contemporânea mexicana. Um primeiro olhar repleto de razão e sensibilidade.

Christina Ramalho



SUMÁRIO

PREFÁCIO

Razão e sensibilidade 7

INTRODUÇÃO13

AS REVISTAS LITERÁRIAS E OS BLOGS: ESPAÇOS DE CRIAÇÃO E DIFUSÃO.....17

2.1 As revistas literárias..... 18

2.2 Os blogs..... 22

2.3 O canal virtual e o canal impresso: breve abordagem.....24

ENTREVISTA: AS IDEIAS DA REVISTA *ESTRÉPITO*, DA *GRANUJA REVISTA*
E DO BLOG *FUEGO DE LUKA*..... 27

A POESIA DE TEMÁTICA SOCIAL NA REVISTA *ESTRÉPITO*, *GRANUJA*
REVISTA E *FUEGO DE LUKA*..... 35

4.1 Poemas da revista *Estrépito* 37

4.2 Poemas da *Granuja Revista* 54

4.3 Poemas do blog *Fuego de Luka* 78

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 97

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS101

ANEXO I

Entrevista con el editor de la *Granuja Revista*..... 107

Entrevista com o editor da *Granuja Revista* (Tradução)110

ANEXO II

Entrevista con el editor del blog *Fuego de Luka* 113

Entrevista com o editor do blog *Fuego de Luka* (Tradução) 117

ANEXO III

entrevista con el editor de la revista *Estrépito*.....121

entrevista com o editor da revista *Estrépito* (tradução) 124



INTRODUÇÃO

Hoje alguns dos meios de circulação de poesia são as revistas literárias e os blogs. Estes, que são meios virtuais, conforme pontuam Patrício e Magnoni (2018), têm extrema importância para divulgação e leitura de textos literários, visto que possibilitam condições de circulação amplas, quase sem fronteiras. A todo momento pode-se compartilhar informações, pesquisar textos, interagir com eles e com outros leitores, situados em outros lugares, através de comentários. O outro meio, as revistas, apesar de sua origem no canal impresso, também têm muita importância, visto sua persistência no tempo e no espaço como meio de divulgação (ROCCA, 2007) e sua acessível disponibilização nas redes atualmente. Dessa maneira, esses ambientes de circulação, inseridos no ciberespaço, surgem como importantes meios de leitura e publicação de novos escritores e, conseqüentemente, de circulação de informações culturais e literárias.

A poesia é, sem dúvida, um dos grandes modos de expressão da linguagem humana. O mundo sob a sua ótica ganha novos sentidos. Ela “revela este mundo; cria outro” (PAZ, 1982, p. 15). É mediante ela, também, que vozes se identificam e se afirmam. Dela surge o olhar que se sensibiliza com o outro. No entanto, seu aparecimento as vezes é sutil e tem uma visibilidade marginal. Em um contexto no qual não se percebe mais essa sensibilização, a poesia se faz cada vez mais necessária. Pensando nisso, surgem alguns questionamentos, como: Em que lugares a poesia circula? Como ela é apresentada na revista *Estrépito*, na *Gra-*

nuja Revista e no blog *Fuego de Luka*? Quais seus aspectos? De que modo aborda a temática social?

Tendo em vista o exposto, o presente trabalho busca investigar como a poesia de temática social escrita por poetas mexicanos se apresenta nas revistas literárias on-line (e independentes, sem fins lucrativos) *Estrépito* e *Granuja Revista* e no blog *Fuego de Luka*, com a finalidade de aproximar os leitores brasileiros das informações sociais, culturais e literárias propostas por esses meios de divulgação. Para tanto, foi necessário partir do método indutivo com objetivo exploratório, além de adotar uma abordagem qualitativa e quantitativa, para obter informações sobre os meios de circulação citados e investigar as características da poesia neles inserida.

A primeira etapa desta investigação tratou de refletir sobre a importância das revistas literárias e dos blogs para a difusão de poesia, além de discutir algumas de suas características mais importantes. Após essa reflexão, foram expostas algumas possibilidades que o canal virtual e o canal impresso oferecem. A etapa seguinte buscou, mediante as respostas das entrevistas sobre as revistas e o blog – realizadas com seus editores, José Zenteno Aguilar, Andrés Gómez e Adso Eduardo Gutiérrez Espinoza –, obter mais informações sobre esses meios de difusão. A última etapa, por fim, foi destinada à análise de alguns detalhes das revistas e do blog, como quantidades de poemas, utilização dos espaços, temas abordados. Após a escolha de 4 quatro poemas de temática social, escritas por poetas mexicanos, de cada um dos espaços de difusão e criação, foram realizadas análises, comentários e relações com os fatores sociais e culturais do México, além de apontamentos de alguns pontos importantes sobre a produção poética contemporânea no país. Dessa maneira, para se obterem essas informações, foram analisados quatro números da revista *Estrépito*, publicados entre julho de 2020 e setembro de 2021, e seis números da *Granuja Revista*, publicados entre 2019 e 2021. As publicações das duas revistas estão disponibiliza-

das com livre acesso (de forma gratuita) para *download* em seus sites/blogs. Já no blog *Fuego de Luka* foi analisado a seção (*hiper link*) destinada à poesia e mais especificamente alguns poemas presentes no hiper link “*Poetas mexicanos: heraldos*”.

Para percorrer esse caminho, utilizamos as reflexões de Rocca (2007) sobre a importância das revistas para divulgação cultural e literária, especialmente na América Latina; os apontamentos de Camargo (2013), de maneira breve, quanto à leitura e ao estudo de revistas de poesia e o estudo de Patricio e Magnoni (2018) sobre a leitura e o acesso a textos publicados no ciberespaço. A análise dos poemas de temática social selecionados se fundamentou em estudos de problemáticas sociais e culturais do México. Foram utilizados diversos autores para comentar a presença dessas questões nos textos escolhidos. Além disso, foram necessárias as visões de Homero (2020) e Cristino (2022) para comentar alguns detalhes da poesia mexicana contemporânea.

Ademais, são trazidas à tona informações culturais e literárias do blog e das revistas citadas, de modo a ressaltar a relevância desses meios, inseridos no ciberespaço, para a difusão e o acesso a essas informações e investigar como a poesia é trabalhada neles e como a temática social é explorada. Entende-se que as revistas literárias (on-line ou impressas) e os blogs são necessários principalmente para os novos escritores e poetas, que geralmente têm dificuldade em publicar seus textos, seja por questões socioeconômicas, seja por não atenderem aos interesses do mercado editorial. Portanto, são espaços de difusão de novas vozes e sentidos que pedem mais atenção e pesquisa. Espaços onde a poesia pode se reinventar e expor as problemáticas de seu contexto de produção. “Voz do povo, [...] popular e minoritária, coletiva e pessoal” (PAZ, 1982, p. 15), a poesia, sobretudo a de temática social, presentifica-se de maneira peculiar nas revistas literárias on-line e nos blogs, mostrando aspectos importantes da sociedade e da cultura.

Espera-se, com este trabalho, contribuir para a ampliação do conhecimento, no Brasil, sobre a produção lírica mexicana contemporânea, com destaque para o papel do blog e de revistas literárias para a divulgação de poetas e obras, com ênfase na circulação e na problematização da realidade social.

AS REVISTAS LITERÁRIAS E OS BLOGS: ESPAÇOS DE CRIAÇÃO E DIFUSÃO

As revistas literárias (impressas ou on-line) e os blogs são importantes espaços de criação e difusão de texto. Cada um com seus significados, modo de construção, organização. E como se dá a leitura nesses espaços? Ler em um blog, por exemplo, permite uma liberdade na escolha do texto, da temática, da forma. Além disso, a interação simultânea entre escritor e leitor é um dos elementos mais pertinentes desse espaço. Por meio de comentários na publicação um leitor pode construir um texto que dialogue, uma crítica, uma sugestão etc. Por outro lado, a leitura de uma revista, seja ela impressa ou digital, limita essa liberdade, pois entrega uma leitura “pronta” ao seu leitor. Entende-se por leitura pronta a seleção de textos feita para compor uma edição. Todavia, sua estrutura variada e a mistura de textos proporcionam uma leitura de múltiplos sentidos. Cada texto acrescenta sentidos ao outro. Cada edição propõe uma discussão. Outra marca importante de se ressaltar é que o intervalo de leitura da revista possui uma forte diferença em relação ao blog. A periodicidade de sua publicação não é tão constante como no outro, pois exige um certo tempo de preparação e construção.

Outrossim, ler no âmbito digital e ler no âmbito impresso implicam diferenças nos modos de recepção. As revistas e blogs, espaços de múltiplas possibilidades de se criar, ler e divulgar poesia, mostram um trabalho coletivo de escrita e leitura. São lugares de resistência e batalhas para continuar escrevendo dentro de um contexto que esquece a poesia e cultiva o ódio, a miséria e as guerras.

Em *O arco e a lira*, Octavio Paz (1982) coloca o poema como muito além de uma estrutura literária. Para o autor mexicano, o poema é “o lugar de encontro entre a poesia e o homem” (1982, p. 17). Desse modo, a poesia, que está em todo lugar, encontra sua plenitude no poema. É nesse cruzamento que se recebe a palavra que humaniza. Tendo em vista isso, não seria nenhum absurdo pensar a revista literária e o blog como lugares de plenitude do poema, e conseqüentemente da poesia, e também do que é marginal, não canônico. Nas revistas e blogs tudo isso está presente e conectado. Ambos são lugares de encontros e cruzamentos.

Diante disso, cabe refletir acerca de algumas questões sobre os blogs e as revistas, como por exemplo: Quais as características desses espaços? Qual a importância deles para divulgação de poesia? Como se utilizam do canal virtual, em que se inserem as revistas literárias *on line* e os blogs, como é o caso dos meios a serem analisados, e do canal impresso?

2.1 As revistas literárias

Resistência. Não se poderia começar a falar de revistas literárias, principalmente as independentes, sem essa palavra. Resistir no tempo e se manter ativa é uma das tarefas mais duras que essas revistas podem enfrentar. As dificuldades de manutenção e o fato de publicarem escritores não pertencentes a um cânone literário, como é o caso das revistas aqui estudadas, acaba por limitar sua expansão e sobrevivência, principalmente no contexto capitalista. As revistas literárias trafegam na margem assim como a poesia. Sua luta é sempre no hoje. Por exemplo: “A literatura seria essa possibilidade de desafiar o tempo em um lapso maior que o da proximidade, que o do próximo do presente. A revista, pelo contrário, trabalha para o presente, para a difusão do conto ou do poema [...]” (ROCCA, 2007, p. 1). Difusão. A razão de viver desse espaço é a divulgação de produções artísticas, muitas vezes marginalizadas e sem falta de oportunidade no grande mercado editorial. Resistir

contra silenciamentos é de sua natureza, pois, mediante a expressão artística e a sua própria configuração estética, como diagramação, ilustrações, desenho de capa, a revista discute e conversa com os problemas de sua época.

Sim. A revista é também diálogo e discussão: “As inflexões da voz no diálogo/revista são múltiplas” (ROCCA, 2007, p. 2). Embora seja construída para a produção literária, de algum modo irá discutir assuntos que vão além da literatura, já “que a revista, qualquer que seja seu rótulo, é” (SARLO, 1992, p. 9, apud ROCCA, 2007, p. 2) construída se mpre como um exercício de “escuta contemporânea” (SARLO, 1992, p. 9, apud ROCCA, 2007, p. 2). Ela

somente tem pleno sentido em sua relação com o contexto, com seu íntimo contato com a vida social e cultural do momento. Alguém pode, portanto, degustar um texto qualquer que lê em uma revista de vinte, trinta ou cem anos, mas salvo naqueles textos em que há uma aposta direta na ahistoricidade, em direção à abstração pura, e ainda assim não sempre, dificilmente se poderá capturar a deriva desses textos de revista se não se mergulhar nas alternativas, nas polêmicas e até no anedotário diário da vida cultural que lhe deu lugar. Dito de um modo mais claro, e também ampliando o anterior: para ler bem uma revista deve-se saber ler nas margens. (ROCCA, 2007, p. 3)

Mergulhar na vida social onde as revistas se inserem pode revelar seus interesses e objetivos. Esses meios de divulgação podem discutir e enfrentar determinadas situações através de seu discurso. Isso implica dizer que as escolhas dos textos a serem publicados são movidas por essas situações contextuais. Não se trata de uma escolha aleatória. Falar de violência no México, por exemplo, é urgente. Assim como expor as facetas da necropolítica nas periferias do capitalismo, como a América Latina, também o é. Atualmente, conforme aponta o site Uol notícias (2022), “o México ocupa a oitava posição

entre os países com o maior número de assassinatos no mundo”¹. Esse dado coloca em evidência *las condiciones actuales de inseguridad por las que atraviesa el país*² (RODRÍGUEZ, 2022, p. 2). As revistas, de alguma maneira, tomam sempre a frente em discussões como essa e expõem seus posicionamentos através da sua estética e do diálogo que criam com escritores, editores e leitores. Elas podem funcionar como meios de denúncia e crítica da realidade social.

Diante disso, é necessário dizer que uma revista literária também é um ato coletivo. A participação dos escritores em uma chamada para publicação requer um interesse nos discursos que as revistas possuem. O mesmo acontece com o leitor quando a edição é lançada. Além disso, o diálogo entre revistas é essencial para o fortalecimento de suas ideias. Uma revista literária não sobrevive sozinha, precisa de outras. E melhor dizendo: “A única forma de fazer uma revista é ter um grupo de pessoas que tenham as mesmas convicções, os mesmos ódios; uma coleção de textos de autores famosos não produz uma revista” (BORGES, apud RODRÍGUEZ MONEGAL, 1987, apud ROCCA, 2007, p. 13). Ela precisa construir relações, redes, teias, e encorpar várias vozes, para ganhar vida e poder difundir seus textos. Sempre dialogando e debatendo.

Outro aspecto importante para se observar nas revistas é a sua configuração estética. A relação entre texto e imagem tem muita influência na construção de sentido desses espaços. Antes mesmo de chegar aos avanços gráficos da tecnologia e de ocupar o ciberespaço, as revistas já difundiam suas intenções através da coabitação de textos de outras artes: “Foi cartaz de rua nos anos vinte, por exemplo, na experiência portenha de Prisma (1921) ou em sua imitadora, a

1 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/05/23/violencia-custou-ao-mexico-us243-bilhoes-em-2021-o-equivalente-a-208-do-pib.htm>. Acesso em: 23 mai. 2022.

2 Tradução minha: as condições atuais de insegurança pelas quais atravessa o país.

montevideana Mural de Ideas” (ROCCA, 2007, p. 14). Seus discursos foram se ampliando e se adaptando aos momentos históricos, tal como se vê em:

Das vanguardas à radicalização política reiterada pelo avanço do fascismo, pela peste autoritário-bonapartista na América e pela guerra civil espanhola, ou seja, desde os anos vinte até o princípio da década de quarenta, o diálogo entre texto e imagem, em particular por conta da integração da gravura e da ilustração às páginas das revistas, como, simultaneamente, aos livros que então foram publicados, permitiu pensar uma estratégia semiótica e ideológica comum entre escritura (literária ou qualquer outra), *design* gráfico e artes plásticas. (ROCCA, 2007, p. 14, grifo do autor)

Essa estratégia continua sendo utilizada pelas revistas. Na contemporaneidade, o ambiente digital, o ciberespaço, oferece amplas possibilidades de explorar a relação texto-imagem; a diagramação das páginas; os tons de cor, as ilustrações de numeração, de margens. Claro que tudo isso também é explorado em um livro. Mas, ao contrário destes, as revistas propõem uma unidade, um conjunto, uma luta, uma causa, fundamentada no diálogo entre: o texto, a imagem, a ilustração, os escritores, os leitores, o agora.

A importância desses meios de difusão artística para o surgimento de novas vozes (vozes periféricas, a margem) é gigantesca. Neles não há o pensamento lucrativo, mas tão somente a necessidade de trazer para si e espalhar novos olhares, novas formas de pensar a linguagem e o contexto sociocultural. São nesses espaços acessíveis de publicação que o escritor/ artista que não tem meios de difundir seus textos encontra um caminho. Antonio Candido citado por Rocca enfatiza:

As revistas literárias não são, forçosamente, sinais de boa qualidade literária, mas não há dúvida que nada, melhor que elas,

atesta a vitalidade média da literatura. Pode haver muitas em circulação sem que haja um único escritor eminente, pois o escritor eminente prescinde do seu amparo; sem elas, não podemos dizer que um dado momento apresente vitalidade literária. (CANDIDO, 2000, apud ROCCA, 2007, p. 12).

E tem sido assim desde sua propagação no século XVIII (MELO, 2008).

No que diz respeito à divulgação de poesia, se faz necessário citar Camargo (2013), que coloca em discussão a prática coletiva e plural que as revistas de poesia possuem. A leitura nesse meio se restringe aos aspectos que a constituem. É um diálogo de criação, em que as experiências são compartilhadas. Embora a autora fale especificamente das revistas impressas, o mesmo se aplica às revistas literárias on-line. Isso revela uma necessidade de descobrir novas experiências e percepções sobre o mundo e como elas estão sendo difundidas nesses ambientes, mediante o fazer poético.

A revista literária independente e a poesia não são lidas por milhares de pessoas. A culpa esteja talvez na estrutura capitalista que torna tudo produto ou descarte. Ambas resistem a esse contexto, enfrentando-o. Quase como imortais. Um lugar de refúgio. Respiro das produções artísticas. A poesia vive na revista. A revista vive com poesia. Escrever para as revistas é dialogar com o agora e com uma pluralidade de vozes. A vida desses meios de circulação é curta, mas intensa. “Ainda que não possam continuar por muito tempo, com elas também se faz o campo cultural” (ROCCA, 2007, p. 12).

2.2 Os blogs

Os blogs, que têm sua origem no ciberespaço, constituem uma importante ferramenta de criação e difusão de texto. Sua facilidade de acesso e possibilidade de interação e produção de texto simul-

tânea criam uma participação democrática de leitura e diálogo. Flutuando no mundo digital, os blogs são lugares onde todos “que têm acesso a um aparelho e a internet podem criar textos para compartilhar ideias, experiências, vídeos, fotos, informações, assim como ler o que outros usuários escrevem a partir da seção de comentários do blog” (PATRICIO e MAGNONI, 2018, p. 2). A velocidade incontável e a dinâmica das publicações desses espaços, que na maioria dos casos não segue um padrão definido, podem espalhar facilmente essas informações, textos e experiências. Dessa forma, os blogs, assim como as revistas literárias, também se caracterizam como espaços de diálogo e coletividade. Eles também dependem uns dos outros para manterem ativas suas propostas de divulgação das produções. Uma dependência recíproca em que parece transitar a literatura publicada no ciberespaço.

Essa relação de irmãs proporciona uma aproximação entre vários escritores e pessoas interessadas em arte e literatura, o que enriquece as produções coletivas e individuais e amplia o alcance da divulgação. Sobre esse forte poder de expansão, Ana Peluso (2007) citada por Patrício e Magnoni (2018), em entrevista, reflete:

Hoje, lança-se um Blog como se lança um livro. Ou até mais. Acredito que infinitamente mais. Se isso é ruim? Claro que não. Isso, por um lado, é o que de melhor aconteceu para a literatura, para as artes, para qualquer tipo de expressão. Isso fez com que o concretista do sudeste conhecesse o cordelista do centro-oeste, tendo, ambos, como recurso extra, a opção de comentarem publicamente o que pensam, respectivamente, a respeito de suas obras. [...] A que isso pode levar? Ao triunfo da obra sobre o artista, e finalmente à liberdade de ambos [...]. (PELUSO, 2007, apud PATRICIO e MAGNONI, 2018, p. 2)

O melhor disso tudo é que, ao contrário do livro impresso ou digital, a publicação nos blogs e sua leitura é gratuita na maioria dos

casos. Pode-se dizer que, nesse suporte digital acessível, o aparecimento de novas vozes dispostas a falar de/com poesia e do/com o seu contexto encontra um alicerce. Por ter uma força de divulgação maior e ser muito mais extenso em sua estrutura que as revistas literárias, o blog é também um lugar de encontro. Nele as revistas podem expor suas propostas, divulgar suas chamadas para publicação e até mesmo disponibilizar os seus números para *download*, como fazem a *Estrépito* e a *Granuja Revista*.

O blog é, por fim, um espaço cheio de possibilidades. É, além disso, um meio moderno de se espalhar arte e discutir, reinventar, ampliar o mundo. A depender das suas ideias pode ser um lugar de resistência, onde vozes marginalizadas encontram espaço. Nesse meio de difusão e criação, leitor e escritor estabelecem um diálogo direto com o texto e atuam em cooperação mútua para que se chegue a inúmeras telas de aparelhos possíveis. Portanto, o blog também configura um lugar de sobrevivência da poesia.

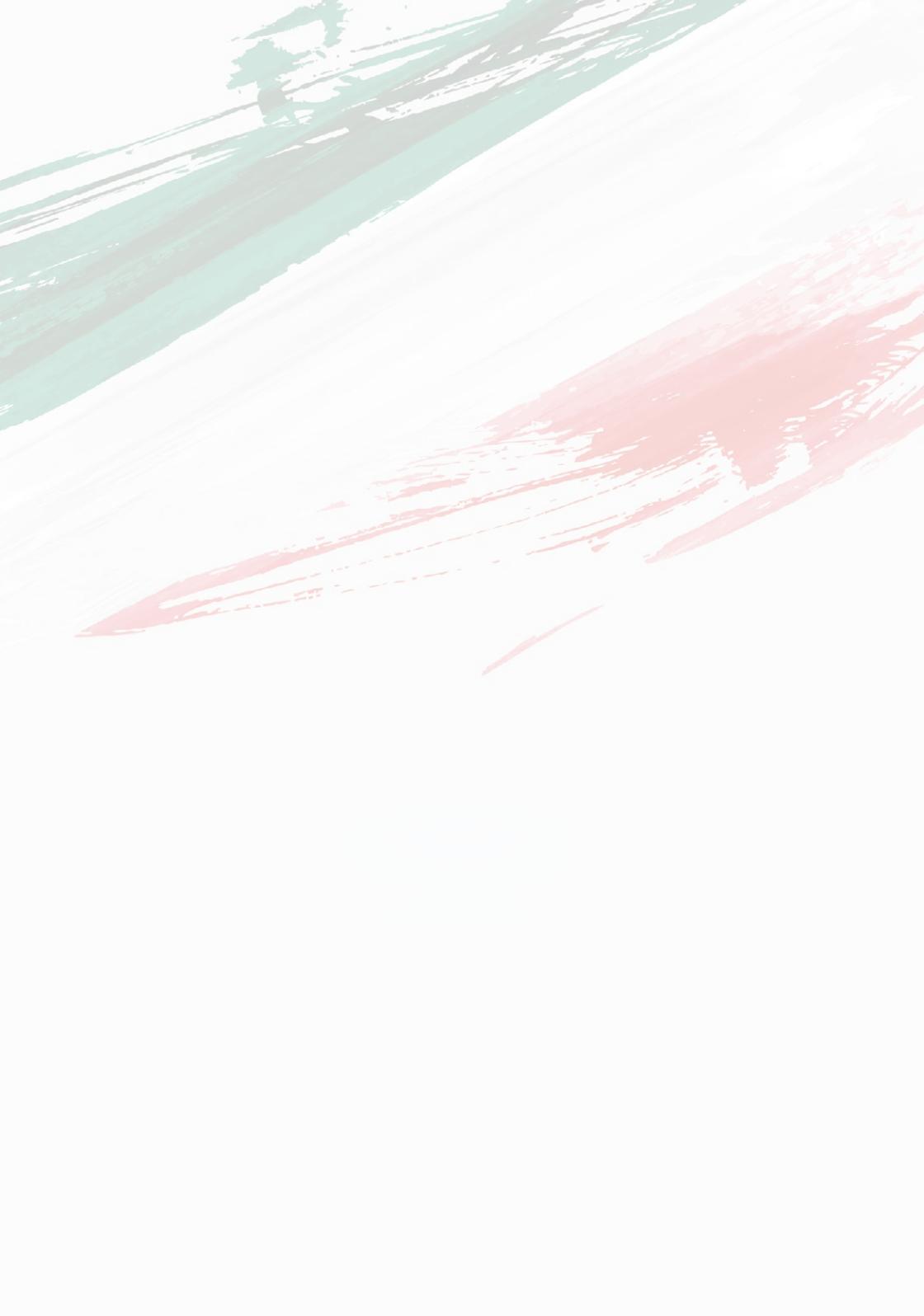
2.3 O canal virtual e o canal impresso: breve abordagem

As revistas literárias ocupam o canal virtual como um lugar em que se pode preservar as suas edições, e permitem que sejam baixadas para leitura. Ao mesmo tempo, buscam nessa “biblioteca” um espaço onde o leitor possa ter facilidade de entrar em contato com as publicações e a sua propagação seja maior. O canal impresso, seu lugar de origem, exige custos de impressão e distribuição que podem ser um problema para projetos independentes, como no caso da *Estrépito* e *Granuja Revista*. De encontro a isso, o canal virtual oferece a possibilidade de não haver custos na publicação, pelo menos para os escritores/artistas. Por outro lado, para ter um espaço elaborado, em que se armazene os números das revistas, paga-se para criar e mantê-los funcionando. A exemplo: blogs e sites.

O blog, como já visto, propicia diversos modos de publicação e criação. Contudo, é no canal impresso que aparecem suas limitações. Para alguns talvez surja o seguinte questionamento: como o blog pode ocupar o lugar impresso? Uma resposta possível está na produção de coletâneas impressas de textos publicados no referido espaço. Blogs sem fins lucrativos, categoria à qual pertence *Fuego de Luka*, provavelmente encontram dificuldade para se inserir dessa maneira no canal impresso, dados os altos custos do mercado editorial.

Diante do exposto, fica evidente que o canal virtual oferece formas mais acessíveis para a publicação e difusão de textos. Nunca foi tão fácil para o artista expor sua obra. Principalmente os escritores que não são considerados profissionais e que não têm visibilidade. Tudo isso tem muita aproximação com a poesia, considerando seu modo de compartilhar informações e dialogar, de olhar junto para mundo, de cooperação, de resistência.

Para buscar mais algumas informações sobre as revistas literárias e os blogs e também conhecer um pouco das ideias que movem especificamente os meios de criação e divulgação aqui estudados, foram realizadas entrevistas com os seus criadores, mediante a aplicação de um questionário. No próximo capítulo, serão discutidas as respostas obtidas. A entrevista na íntegra está disponível nos anexos em versão original acompanhada da respectiva tradução.



ENTREVISTA: AS IDEIAS DA REVISTA ESTRÉPITO, DA GRANUJA REVISTA E DO BLOG FUEGO DE LUKA

Os projetos das revistas *Estrépito* e *Granuja Revista* e do blog *Fuego de Luka* têm ideias muito próximas sobre o conteúdo das publicações. Nelas, o foco se dá em autores que estão distantes daquilo que é definido como cânone literário. Todavia, diferem em alguns aspectos, como, por exemplo, as motivações para os seus surgimentos, dificuldades de manutenção, atenção ao espaço dado a poesia etc. No caso da *Granuja*, que deu início ao seu projeto em 2018, Andrés Gómez nos conta que: “A motivação inicial para a criação da revista foi a procura de um espaço alternativo para a criação artística no estado de Guanajuato, México; um espaço diferente dos criados em torno de instituições universitárias e órgãos governamentais”³. “Granuja” significa “reverência e marginalização do malandro, que escarnece do estabelecimento, e ao mesmo tempo é uma palavra que já não é muito usada no espanhol de hoje, foi escolhida para a resgatar e dar-lhe um significado renovado”. Ser um “Granuja” é usar da irreverência para lutar contra o que está estabelecido. É, além disso, criar possibilidades de inovação e experimentação da linguagem. Aliás, isso constitui um dos critérios de seleção de textos da revista. Por ser um espaço independente, de experimentação, de ir contra o que é imposto e propor um diálogo a partir das margens, a *Granuja Revista* enfrentou e enfrenta alguns

3 Nesta seção farei uso de citações de trechos traduzidos das entrevistas.

desafios de manutenção de seu projeto, como se observa nas palavras de Andrés Gómez B.:

O primeiro desafio foi o de se consolidar como um espaço com qualidade criativa chamativa para os escritores, uma vez que sendo uma revista independente se tem o estigma de que o que se faz não tem trabalho, nem qualidade nem autocrítica. Outro desafio tem sido, no mesmo contexto da independência, em descentralizar a criação e fazermos-nos donos de nossas próprias ferramentas sem depender de recursos universitários e governamentais.

A proposta da revista revela muito bem o aspecto de resistência no tempo que foi citado no primeiro capítulo deste trabalho. A busca pelo novo e pelo diálogo com o contemporâneo é, sem dúvida, a base desse espaço de difusão. Espaço que foi criado para ter ideias próprias, liberdade e não aceitar limitações. Nele há lugar para autores do mundo todo.

No que se refere às formas de publicação, é importante expor que a revista utiliza tanto o canal virtual quanto o canal impresso. Neste último o lançamento das edições ocorre desde o número 4. São impressos 50 exemplares a cada edição. Eles são vendidos por meio das redes sociais e enviados para todo o México. Embora a revista tenha sido idealizada para ser publicada de forma bimestral, as publicações nos dois canais têm sido irregulares, em virtude do contexto de pandemia.

Na elaboração das edições, a *Granuja Revista* não impõe uma preferência por temas e nem por formatos de textos. A diversificação é outro aspecto forte da revista. Imagens, ilustrações e inúmeros gêneros textuais convivem e compartilham significados em uma mesma publicação. O que é característico das revistas em geral. Essa diversificação está também presente na proposta de experiência que a revista pretende oferecer a seus leitores. Propor diversas formas de leitura e visões de literatura é um de seus objetivos. Ela busca

também ser um ponto de encontro da criação artística contemporânea, oferecendo oportunidade a novas vozes e novos jeitos de ver o mundo. A *Granuja Revista* é um espaço onde a inquietude e a inconformidade impulsionam a criação e a difusão.

A revista *Estrépito* também busca essa inconformidade, essa inquietude. “Estrépito” significa estrondo, barulho, grito. Essas palavras expressam bem o posicionamento da revista diante de seu tempo e espaço. Por meio de vozes periféricas, ela busca discutir o seu contexto e espalhar criação artística. Impor-se contra a sua realidade e discuti-la é o seu foco central. Essa característica constitui um dos critérios mais importantes para a seleção dos textos. Nesse sentido, o que a revista procura, na fase seleção e organização de suas edições é, conforme José Zenteno Aguilar, “notar no texto como ele é atravessado, por exemplo, pela irreverência, denúncia, contato entre o visceral e a experiência cotidiana. Notar como estes confrontos transcendem a nossa experiência e, portanto, as letras”. Não se busca uma temática, mas sim textos que se posicionem diante de problemáticas sociais, culturais, artísticas.

Os jovens latino-americanos encontram na *Estrépito* um espaço importante para difundir seus textos, visto que a revista foca na publicação desse grupo. Essas novas vozes pertencem a um contexto onde se faz necessário expor as inquietudes e se fazerem denúncias. A revista vive para a divulgação dessas vozes e de suas inconformidades. Tendo em vista isso, busca provocar em seus leitores uma experiência forte. Busca “incomodar, incomodar de qualquer forma”. E também mostrar que “a arte nem sempre é bonita ou agradável, por vezes é forte, visceral e transgressiva. É isso que se pretende, todos a recebem como têm de a receber”.

Quanto aos desafios enfrentados na manutenção do projeto, José Zenteno Aguilar revela que os principais são a utilização das plataformas para publicação e aprender cada vez mais sobre o exercício da difusão de textos. Esses desafios são importantes de ser pensados.

A imersão no ciberespaço exige um certo esforço para entender seu funcionamento. É um lugar onde as revistas literárias tiveram que se adaptar para continuar suas propostas de difusão. Como já explicado neste trabalho, no ciberespaço as revistas precisam de um espaço, site ou blog, para expor seu projeto e para que os seus leitores possam fazer o download ou visualizar as edições. Sobre a função do blog onde a revista *Estrépito* se propaga, Aguilar diz: “O blog, como a revista, tem o propósito de ser um espaço de divulgação, principalmente digital, das vozes emergentes”.

A publicação da revista se dá de forma impressa e de forma digital. As publicações são feitas quadrimestralmente, ou seja, três vezes no ano, sendo uma de forma impressa. Esta última conta geralmente com uma “tiragem de 500 exemplares, que vão acompanhados por uma coletânea de poemas de 100 exemplares”. A difusão ocorre por meios de comunicação e por serviços de encomenda. Os exemplares são vendidos em espaços como feira de livros, pontos de venda, eventos culturais. A revista *Estrépito* procura tanto em sua forma impressa quanto em sua forma virtual ocupar/fazer barulho em diversos lugares e, assim, contagiar o máximo de pessoas possíveis com sua inquietude.

Destinada principalmente ao público latino-americano, a *Estrépito* vê a expressão artística como um meio de se posicionar contra tudo o que é incomodo. Assim, o cenário latino é um campo fértil para o aparecimento de expressões de inconformidade, denúncia, luta e criação, dados os seus problemas históricos.

Por fim, o blog *Fuego de Luka*, apresenta não só uma estrutura diferente em relação as revistas, mas também motivos e ideias diferentes para sua criação. O idealizador do blog, Adso Eduardo Gutiérrez Espinoza, diz:

A criação da minha plataforma editorial está fortemente unida a aspectos pessoais, ligadas a um assunto de saúde mental e intenções de criar um espaço criativo. O projeto nasceu quan-

do estava no primeiro ano do Doutorado em Literatura Hispano-americana e estava em uma forte tensão emocional, tanto pelos últimos retrocessos de uma depressão como pelo fastio da própria academia. Então, a formação desta plataforma teve a intenção de ser parte do processo curativo e do relaxamento, já que me permitiria ler outros autores e exercitar a tradução e a criação literária, as quais as tinha bastante descuidadas. O projeto começou nos fins de 2019, não tenho uma data precisa. Creio que, a diferença de outros projetos editoriais, só me interessava a minha própria saúde, a partir do exercício da literatura. Em princípio, não estava interessado no crescimento da plataforma, mas, por intermediação do meu parceiro e de vários amigos, me fizeram ver o impacto ou a relevância de um projeto assim. Nesse sentido, a primeira pessoa a quem tenho de agradecer é o poeta Uriel Martínez, que faleceu em 2020. Na verdade, ele foi quem deu forma e, de certo modo, firmou as bases do que ela é hoje.

Cada texto publicado no blog tem a intenção de provocar um autoconhecimento e, conseqüentemente, um encontro com as dores e os sentimentos próprios de cada leitor, escritor e editor. Nessa relação os sentidos dos textos são sempre recriados. *Fuego de Luka* é um lugar onde todos procuram a cura para si mesmos e/ou para o mundo. Por esse motivo, o espaço em questão traz diversas temáticas, exceto aquelas nas quais se faz apologia à violência e ao ódio. Nele não há lugar para o que é desumano, a não ser quando se busque de alguma forma a denúncia, o debate de temas sociais.

Essas ideias se conectam com o nome do blog. *Fuego de Luka* surge do “pequeno romance *Luka e o fogo da vida*, de Salman Rushdie”. É como se a referência ao romance sugerisse que a cura para as dores e os males do mundo estivesse no fogo da vida. E esse fogo na produção literária. Por isso, é necessário ascender a existência, criar novas formas de sentir, curar-se do mundo, encontrar a palavra que humaniza, misturar magia e realidade, como no romance de Rushdie, enfim, criar, editar, recriar e receber litera-

tura. Em um contexto de guerras e de violências esse tipo de experiência se faz cada vez mais indispensável.

Para propor sua experiência o blog se utiliza de diversos autores, partindo “de poesia e narrativa independente ou pouco comum, deixando de lado a literatura comercial e canônica, priorizando àquelas expressões escritas em espanhol, inglês, francês e português”. O público leitor é formado de pessoas de 15 a 70 anos, interessados na produção literária. Adso coloca alguns dos critérios para seleção de textos:

- Brevidade, pois é cansativo ler na tela.
- Qualidade.
- Linguagem cuidadosa e uso correto dos idiomas, salvo naqueles casos em que o descuido e a tipografia são parte das estratégias literárias.
- Independente e pouco conhecido.
- Exemplos de distintas expressões literárias.

Tais critérios mostram como o blog se adequa à leitura no ciberespaço e também foge das velhas formas de criação. O diverso, assim como na *Estrépito* e *Granuja Revista*, também encontra terreno em *Fuego de Luka*. Os variados modos de sentir e criar o texto literário que o blog propõe, por meio de variados idiomas e culturas, revelam várias possibilidades de encontro com a sensibilização.

Essa experiência de sensibilização e cura era publicada de maneira diária, apenas no canal virtual. No entanto, atualmente, o projeto do blog está parado para se reconstruir. Um problema encontrado na manutenção do espaço é ter que conciliar outros afazeres com as escolhas dos textos e traduções. Não existe uma dedicação exclusiva para isso. Isso evidencia como manter projetos sem fins lucrativos como esse implica desafios. Desafios que o blog *Fuego de Luka* segue enfrentando, com a resistência e a sensibilidade de sua perspectiva de criação e difusão.

Ademais, é importante expor se os referidos espaços dão mais atenção à poesia em suas publicações: A *Granuja Revista* vê a poesia

como uma forma mais concisa de expressão e a que mais se escreve atualmente. Desse modo, acaba dando uma maior atenção ao espaço a ela destinado. A revista *Estrépito*, por sua vez, não foca somente na poesia, pois entende que a expressão escrita pode se manifestar de qualquer forma, principalmente de forma inesperada. O blog *Fuego de Luka*, por fim, expressa equilíbrio. Para o blog todas as formas de texto são importantes, sobretudo para mostrar variedade de expressões literárias.

Apesar de possuírem visões diferentes sobre alguns aspectos, as ideias dos três espaços de difusão e criação aqui apresentadas se completam. Suas visões sobre os usos da palavra poética ou literária enriquecem o cenário cultural. Esse clima faz com que as novas vozes ou as vozes desconhecidas encontrem lugar para criar e recriar. Além de tudo isso, outro fator importante é que esses espaços colocam o processo editorial como um ato inseparável do processo de criação. O diálogo entre o escritor, o editor/tradutor e o leitor dão origem a uma espécie de comunidade criadora, ainda que contida a um pequeno grupo. O que une essa comunidade é a própria experiência criadora, a indignação, a busca da humanização, a irreverência. O que mais tem poético nas revistas literárias *Estrépito* e *Granuja Revista* e no blog *Fuego de Luka* é essa necessidade de, por meio do diálogo e da coletividade, reescrever o mundo unindo diversas formas de expressão. Difundir. Criar espaços alternativos. Espaços de inquietude e inconformidade. Espaços de cura e encontros.



A POESIA DE TEMÁTICA SOCIAL NA REVISTA *ESTRÉPITO*, *GRANUJA REVISTA* E *FUEGO DE LUKA*

Nesta parte do trabalho serão analisados quatro poemas de temática social de poetas mexicanos presentes em cada meio de divulgação. Antes é necessário apontar alguns aspectos referentes a esses meios, como a maneira que utilizam seus espaços, a quantidade de poemas publicados em cada número, as temáticas abordadas nos textos poéticos, escritos tanto por poetas mexicanos como poetas de outras nacionalidades. No caso do blog, serão apontados alguns aspectos do hiperlink destinado à poesia. Para tanto, foram investigadas quatro edições da revista *Estrépito*, seis da *Granuja Revista* e o hiperlink destinado a poesia no blog *Fuego de Luka*.

O primeiro e o segundo número da revista *Estrépito* foram publicados em julho e outubro de 2020, respectivamente. Já o terceiro e quarto, em maio e setembro de 2021. Em suas 36 páginas, o primeiro número apresenta 15 poemas. O segundo apresenta 9. O terceiro, 10. E o quarto, 17. Em todos os números alguns poemas possuem ilustrações, o que enriquece a natureza visual da revista e acrescenta sentidos aos poemas. A *Estrépito* como também a *Granuja*, já adiantando, não possuem um apontamento sobre o tipo de gênero em que os textos se enquadram. Esse aspecto é característico das revistas. A coabitação de textos sem classificação permite uma leitura mais diversificada e mais ampla de sentidos. O caráter visual da revista é muito explorado através das ilustrações e das imagens que são expostas. A maioria dos poemas e todos os outros tipos de textos em geral focam no teor social.

A outra revista, a *Granuja*, possui um número maior de publicações. A análise focou apenas nos seis números publicados no site da revista. Esta ainda possui no momento, mais três edições, sendo elas: a 0, que é uma publicação de estreia, e a 7 e 8, que foram lançadas com a pesquisa em andamento. Todas se encontram publicadas na plataforma ISSUU. O número 1 foi lançado em outubro de 2019. O segundo e o terceiro foram publicados em maio de 2020. Já o quarto e o quinto em outubro e novembro de 2020, nesta ordem. O sexto em abril de 2021. Cabe assinalar que essas datas constituem a data de publicação na plataforma mencionada. No que concerne à quantidade de poemas, os seis números possuem 9, 14, 16, 20, 24 e 40, respectivamente. As ilustrações também ocupam o mesmo espaço que os poemas, mas não são tão frequentes quanto na *Estrépito*. A metalinguagem é um artifício recorrente nas publicações. São incontáveis os poemas que se utilizam da reflexão sobre o trabalho com a palavra. A edição número 1 apresenta uma espécie de carta editorial em versos que reflete sobre a escrita e seus desafios: *Por qué escribir/ Para Qué escribir/ Para quién escribir/ El dinero nos dará la razón*⁴. Além disso, a revista joga com os sentidos e a própria estrutura: *Asesor editorial: Todo aquel que no dejó morir este proyecto; consejo editorial: No hagan una revista*⁵. Por meio do humor, da ironia, da irreverência e da zombaria, a *Ganuja* expõe sua consciência das dificuldades de manutenção de um projeto independente no contexto capitalista. E mais, tem consciência de como a poesia trafega e resiste na margem desse contexto.

Já o *Fuego de Luka*, por ser um blog, apresenta uma configuração muito ampla, o que torna difícil a contagem de poemas. Todavia, as seções onde estão presentes cada poesia têm um aspecto geral, ao contrá-

4 Tradução minha: Porque escrever/ Para que escrever/ Para quem escrever/ O dinheiro nos dará a razão.

5 Tradução minha: Assessor editorial: todo aquele que não deixou morrer este projeto; conselho editorial: Não façam uma revista.

rio das revistas que, a cada edição mudam sua diagramação, ilustrações e forma de distribuição dos textos. O hiperlink “Poesía” tem 18 páginas. E nestas, há hiperlinks que direcionam para poemas de vários poetas. Geralmente, cada hiperlink traz a informação do país de origem de cada um e o nome ou uma denominação ligada a um grupo. A exemplo da seção que será analisada: “*Poetas mexicanos: heraldos*”. Dentro desta seção são apresentadas fotos dos poetas, seguidas de legenda com informações sobre eles. Após, são colocados os poemas. Estes apresentam temáticas diversas, principalmente os de poetas mexicanos.

Pensando um pouco na poesia mexicana mais contemporânea é importante observar sua diversidade temática. Homero (2020, p. 86) diz que, *ciertamente no hay una poética dominante, ni siquiera una escuela, pero en ese paisaje polifónico —más que caos—, es posible apreciar timbres, además de variedad vocal*⁶.

Tendo em vista isso, iremos conhecer um pouco de como a poesia mexicana, especificamente poemas que tratam da temática social, presentifica-se nas revistas literárias *Estrépito* e *Granuja Revista* e no blog *Fuego de Luka*. As próximas subseções irão apresentar os poemas em espanhol, a sua tradução e a análise, exatamente nessa sequência.

4.1 Poemas da revista ***Estrépito***

Nesta seção serão apresentados os quatro poemas selecionados, acompanhados das respectivas traduções.

El Boom Latinoamericano

Miguel García Ramírez (México, Ciudad de México)

BOOM ¡!

6 Tradução minha: certamente, não há poética dominante, nem mesmo uma escola, mas nesta paisagem polifônica – em vez de caos – é possível apreciar timbres, bem como variedade vocal.

Explota la pastilla en mi organismo
Como un atropellamiento, una embestida, un desencuentro
Como la sensación de caer al vacío y despertarte de golpe
Una píldora con varios propósitos en la vida:
Ansiolítico
Antihistamínico
Desinflamatorio
La respuesta a casi todas las encrucijadas universales,
a todas las problemáticas del mundo
-o por lo menos las mías

BOOM, BOOOM, BOOOOOOM ¡!
Detonaciones en Santiago de Chile, indígenas bolivianxs
desfalleciendo sobre el asfalto,
Sinaloa, Veracruz, Tijuana...
da igual América Latina
da igual
Hay de detonaciones A DETONACIONES ¡!

Mi ansiedad,
mis alergias,
mis dolores musculares:
son asuntos míos

Un golpe de estado en Bolivia -por decir algo
debería ser un dolor universal

Detonaciones,
disparos,
bombas de gas lacrimógeno,
ametralladoras,
el silencio de los y las desaparecidas:
Ése es el verdadero BOOM LATINOAMERICANO.

O Boom Latino-americano⁷

BOOM!

Explode a pílula no meu organismo

Como um atropelamento, uma investida, um desencontro

Como a sensação de cair no vazio e despertar de repente

Um comprimido com vários propósitos na vida:

Anxiolítico

Anti-histamínico

Desinflamatório

A resposta para quase todas as encruzilhadas universais,

a todas as problemáticas do mundo

-ou pelo menos as minhas

BOOM, BOOOM, BOOOOOOOM!

Detonações em Santiago do Chile, indígenas bolivianxs

desfalecendo sobre o asfalto,

Sinaloa, Veracruz, Tijuana...

não importa a América Latina

não importa

Há detonações **DETONAÇÕES!**

Minha ansiedade,

minhas alergias,

minhas dores musculares:

são assuntos meus

Um golpe de Estado na Bolívia - para o dizer o mínimo

deveria ser uma dor universal

Detonações,

disparos,

bombas de gás lacrimogéneo,

7 Tradução minha.

metralhadoras,
o silêncio dos e das desaparecidas:
Esse é o verdadeiro BOOM LATINO-AMERICANO.

O poema acima, presente na 1ª edição da revista *Estrépito*, de autoria de Miguel García Ramírez, da Cidade do México, utiliza-se da semântica da palavra Boom e de seu aspecto sonoro para expor as mazelas do povo latino-americano. O conceito de boom está intimamente relacionado a palavras como expansão, aceleração, crescimento. Tais conceitos, entretanto, divergem da situação econômica do continente. Quanto à sonoridade de boom e à sua relação com as imagens insinuadas pelo eu lírico, é importante apontar que ela é uma onomatopeia para explosões, destruições, dores, e num jogo de antítese com tudo isso, silêncio. “El silencio de los y las desaparecidas”. Assim, o crítico eu lírico conclui que “ése es el verdadero BOOM LATINOAMERICANO”. Ao contrário do boom latino-americano enquanto movimento literário que buscou expandir a divulgação das obras literárias de escritores latinos, o boom do poema denuncia uma América Latina que não tem importância para o resto do mundo, visto os seus problemas, golpes e extermínios: “BOOM, BOOOM, BOOOOOOM;!/ Detonaciones en Santiago de Chile, indígenas bolivianxs/ desfalleciendo sobre el asfalto,/ Sinaloa, Veracruz, Tijuana.../ da igual América Latina/ da igual/ Hay de detonaciones A DETONACIONES;!”

No que diz respeito à relação semântica proposta no poema, cabe recorrer às duas definições do movimento literário boom latino-americano apontadas por Soares. Para a autora, o nome “faz referência ao militarismo presente em grande parte da América Latina quando surgiu o movimento, como onomatopeia de explosão, e se encaixa perfeitamente na imagem estético-política que os escritores pretendiam levar ao mundo com suas narrativas” (SOARES, s.d, p.2). O outro conceito

vem da terminologia do marketing que determina um grande aumento de vendas, ligando o movimento à publicidade e ao capitalismo, e causando estranhamento a alguns intelectuais, principalmente pelo momento de ditaduras e revoluções no qual vivia a América Latina (SOARES, s.d, p. 2).

Tendo em vista o exposto, o boom latino-americano do poema em questão denuncia as misérias sociais e os silenciamentos de um continente massacrado, de maneira sonora e sentimentalmente impactante. A poesia em “BOOM” cai dentro dos estômagos dos leitores, principalmente os latinos, como uma pílula que explode, tal qual acontece com o eu lírico. É um desconflamatório para diminuir o sofrimento, um ansiolítico para esconder a ansiedade e um anti-histamínico para se prevenir. O poema que abre a primeira edição da revista *Estrépito* é de fato um estrondo.

matrística

Itzel Nayelli Palacios Valdivia (Ciudad de México)

soy originaria del vientre de mi madre
comparto costumbres con ella
con mi hermana
mis tías
primas
sobrinas
con mis abuelas
y desde luego
con las mujeres que sin ser mi sangre
se inscriben en mi genealogia

vengo del vientre de mi madre
mamá es mi patria
nunca pertenecía a ninguna patria
los himnos y las banderas

nunca me dijeron nada
supe de las fronteras
porque al nacer
me atravesaron la cuerpa

no pertenezco a ninguna nación
nací del vientre de una mujer desterrada
soy hija de un hombre desterritorializado
que migró aferrado a una cultura
que enseñó con entusiasmo

no pertenezco a ninguna nación
vengo de los Iñíbakuu
en mi cuerpa se inscribe la memoria
de las mujeres iñíbakuu
soy cuicateca
uso una lengua ajena
me nombro con palabras
que me son insuficientes
traducciones imprecisas

mujer cuicateca
soy dos veces despatriada
despojada del derecho
a caminar por un suelo
en el que no me miren como intrusa

soy oriunda del vientre de mi madre
mi patria son las mujeres de mi historia
las que me preceden
las que siguen después de mí
las que caminan a mi lado
mi tierra es
el pedacito que guarda mi ombligo

yo soy
originaria del vientre de mi madre
ella es originaria del vientre de mi abuela
y tampoco necesitó nunca
una patria.

matrística⁸

sou originária do ventre da minha mãe
partilho os costumes com ela
com a minha irmã
minhas tias
primas
sobrinhas
com minhas avós
e, claro
com as mulheres que sem ser meu sangue
se inscrevem na minha genealogia

venho do ventre da minha mãe
mamãe é a minha mãe
nunca pertenci a nenhuma pátria
os hinos e as bandeiras
nunca me disseram nada
soube das fronteiras
porque ao nascer
me atravessaram o corpo

não pertenço a nenhuma nação
nasci do ventre de uma mulher desterrada
sou a filha de um homem desterrado
que migrou agarrado a uma cultura
que ensinou com entusiasmo

8 Tradução minha.

não pertencço a nenhuma nação
venho dos Iñ'yibakuuu.
no meu corpo se inscreve a memória
das mulheres Iñ'yibakuu
sou cuicateca
uso uma língua alheia
me nomeio com palavras
que me são insuficientes
traduções imprecisas

mulher cuicateca
sou duas vezes despatriada
despojada do direito
a caminhar por um solo
em que não me mirem como intrusa

sou oriunda do ventre da minha mãe
a minha mátria são as mulheres da minha história
as que me precedem
as que seguem depois de mim
as que caminham ao meu lado
minha terra é
o pedacinho que guarda meu umbigo

eu sou
originária do ventre da minha mãe
ela é originária do ventre da minha avó
e tampouco necessitou nunca
de uma pátria.

Em “matrística”, poema exposto na 2ª edição da revista, de autoria de Itzel Nayelli Palacios Valdivia, da Cidade do México, a voz feminina do poema nega o espaço territorial de uma pátria e afirma o corpo da mulher como um lugar de pertencimento. Nesse sentido, os versos de Itzel evidenciam que os territórios podem ser objeto de

dominação e destruição, mas os corpos femininos não (apesar de serem). No entanto, vai além disso, ao colocar em discussão a relação do povo indígena cuicatec, originários da região nordeste do estado de Aoxaca, no México, com a violência. No tocante a isso, cabe expor que no México a violência contra os indígenas se insinua de diferentes formas, seja no dia a dia, seja por meio de “políticas públicas e programas assimilacionistas, que buscam aniquilar culturas indígenas sob o pretexto do desenvolvimento” (CASTELLS I TALENS, 2011; KORSBAEK e SÁMANO-RENTERÍA, 2007, apud MAGALLANES-BLANCO, 2021, p. 52). A situação recente dos cuicatec e de outros povos indígenas é constituída por exílio e desterritorialização:

Por meio do exercício da violência e do medo, vários megaprojetos de natureza extrativista avançaram em territórios indígenas. As empresas extrativistas praticam violência tanto pela natureza de seus empreendimentos quanto pelos mecanismos utilizados para garantir o acesso aos territórios, que envolvem repressão, coerção e até violência criminal. (DURÁN MATUTE e MORENO, 2021, apud MAGALLANES - BLANCO, 2021, p. 52).

Diante disso, no poema, o território se apresenta como espaço de violência e não pertencimento, onde a pátria com suas bandeiras e hinos se torna desnecessária. Não obstante, ocupar o lugar de cuicateca e ainda de mulher é ser “dos veces despatriada” e violentada, visto que

as mulheres latino-americanas pobres encontram-se especialmente vulneráveis, por serem objeto de dois tipos de opressão— de gênero e de classe, e por conterem na sua identidade marcas de hibridismo e mestiçagem, encontrando-se em plena luta pela sua autodeterminação numa sociedade que as percebe como um elemento selvagem a ser dominado e castigado pelos elementos masculinos que pretendem preservar o controle social através da propriedade dos corpos e territórios. (LOBO, 2016, p. 56)

As mulheres indígenas estão em constante fuga das violências e, por isso, somente encontram pertencimento dentro de si mesmas e de suas iguais. Essa fuga do território, isto é, essa desterritorialização gera a busca por um outro território de sobrevivência, uma reconstrução, uma reterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 1997, apud HAESBAERT e BRUCE, 2002, p. 8). Desse modo, se desterritorializar e se reterritorializar “são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização” (HAESBAERT e BRUCE, 2002, p. 8). No poema, a fuga da violência contra os territórios é buscada na resistência/ persistência da ancestralidade do corpo: “soy oriunda del vientre de mi madre/ mi matria son las mujeres de mi historia/ las que me preceden/ las que siguen después de mí/ las que caminan a mi lado/ mi tierra es/ el pedacito que guarda mi ombligo”.

No âmbito das relações mais íntimas às mais públicas, o corpo da mulher é discutido como se não pertencesse a ela mesma, o que caracteriza uma forma de silenciamento, outro modo de controle social. De encontro a isso, o eu lírico feminino afirma seu corpo como um espaço de autopertencimento, do qual ninguém pode tirar suas marcas de história, descendência e cultura. É por meio da ancestralidade de corpos que se entendem por um fator comum, a violência, que a poesia em “matrística” faz ecoar um grito de luta que é constante para as mulheres indígenas do México e da América Latina.

Vejamos, a seguir, “Civilización y barbarie”, de Maura Fuentes:

Civilización y barbarie

Maura Fuentes (Ciudad de México)

Cuando supieron que Caperucita seguía tomando el camino por el bosque, todos pensaron que no había aprendido su lección.

Niña necia, ¿no ves que ahora puedes ir por el camino de los hombres? Un camino civilizado, seguro, sin lobos acechando.

Pero ella siempre se negó a cruzar por ahí.

Se sentía segura conociendo los peligros del bosque. Sabía que si un lobo la devoraba sería por hambre y necesidad.

¿Pero si un hombre la violaba?

Civilização e barbárie⁹

Maura Fuentes (Cidade do México)

Quando souberam que a Chapeuzinho Vermelho seguia tomando o caminho pela floresta, todos pensaram que ela não havia aprendido a sua lição.

Menina tola, não vê que agora pode seguir o caminho dos homens? Um caminho civilizado, seguro, sem lobos à espreita.

Mas ela sempre se recusou a atravessar para lá.

Sentia-se segura conhecendo os perigos da floresta. Sabia que se um lobo a devorasse, seria por fome e necessidade.

Mas se um homem a violava?

A violência é um tema social recorrente nos poemas da revista *Estrepito*. Neste caso específico, o foco se dá exclusivamente na violência de gênero. No México, o aumento de casos referentes a essa temática é avassalador. Conforme aponta o site G1 (2019), “entre 2015 a 2019 o governo federal declarou Alerta de Violência de Gênero contra as Mulheres em 18 dos 32 estados mexicanos, ou seja, 56% do território do país foi declarado como perigoso para o sexo feminino”¹⁰. Essa situação

9 Tradução minha.

10 Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/20/a-guerra-contra-as-mulheres-no-mexico.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2022.

remete a um episódio recente da história do país que ficou conhecido como “As mortas de Juárez” (G1, 2019). Conforme Lobo (2016), entre a década de 90 e início dos anos 2000, a Ciudad Juárez, localizada no Estado de Chihuahua, mostrou

um aumento de 700% de assassinatos violentos cometidos contra o sexo feminino [...], 269 casos, dos quais aproximadamente um terço aconteceu em circunstâncias semelhantes: mulheres raptadas e mantidas em cativeiro, violadas, torturadas, sexualmente mutiladas e desmembradas, cujos corpos foram abandonados em áreas pouco movimentadas da região (FREGOSO e BEJARANO, 2010, apud LOBO, 2016, p. 47).

Quanto a isso, Lobo (2016, p. 47) detalha que “muitas desapareceram durante rotinas normais, na sua casa, no percurso para o trabalho, em centros comerciais ou em frente a lojas do centro da cidade”. Esses dados e relatos colocam em evidência que o problema da violência de gênero no território mexicano é muito forte.

Levando em consideração essa situação contextual, o poema publicado no 3º número da revista *Estrépito*, que é constituído de versos livres e longos em sua maioria, expõe a natureza cruel da sociedade patriarcal. Os homens são colocados como mais perigosos que o lobo. Tal posição quebra a simbologia ocidental e a fantasia dos contos para assustar crianças. O eu lírico joga de maneira crua a realidade de milhares de mulheres e meninas, no México e em todo o mundo, sobre os muros das civilizações. Estas são temidas pela Chapeuzinho do poema: “ella siempre se negó a cruzar por ahí”. Nessa floresta, não há o poder masculino e, conseqüentemente, não há a violência de gênero. Por isso, a menina “se sentía segura conociendo los peligros del bosque. Sabía que si un lobo la devoraba sería por hambre y necesidad.” Ao contrário, os homens a devorariam por prazer e por ela ser quem é, sem “justificativas”. Diante de tudo isso, fica claro o diálogo do poema com a situação social apresentada.

No que concerne aos aspectos estruturais do poema, cabe frisar sua estética e espaço que ocupa na diagramação da revista. Ao se deparar com um poema na vertical, o leitor certamente entra em um estado de estranhamento, visto que isso rompe com a sequência de leitura. Os movimentos necessários para essa leitura tiram quem lê do plano da experiência comum, para, assim, emergi-lo na poesia. Além disso, o tom obscuro da ilustração da página, na margem, coloca o leitor imerso no terror do problema exposto. Pode-se concluir que tais aspectos são utilizados para atrair a atenção do leitor para aquilo que se tem a dizer. Ademais, o poema de Fuentes expõe um tipo de violência que se perpetua nas estruturas sócio-históricas da América Latina. Sigamos com “Soy ciudadano pobre”:

Soy ciudadano pobre*

Carlos Gael Escobarete Avila (Ciudad de México)

Soy ciudadano pobre,
luchando cada día
por la semilla miserable.
Comiendo lo que sobre,
huyendo del policía
sobre esta ciudad indomable.

*En caso de no sentirse identificado con lo recitado, con pretensiones revolucionarias puede modificar el orden de las palabras, darle otro significado, cambiar el sistema impuesto, intercambiar puestos, quitar a los de hasta arriba y darle mejor vida a los de abajo, lo que sea. Por ejemplo:

Pobre, soy ciudadano
Soy el ciudadano que sobre,
luchando contra la policía
por la ciudad miserable.
Comiendo soy pobre,

huyendo cada día
sobre mi semilla indomable.

Te invitamos a realizar tu intervención
Puedes hacerlo tomando captura de pantalla en
esta zona o realizarlo donde guste para
compartirlo con nosotrxs por el correo de la
revista o conservarlo.

ciudadano, soy pobre
Intervención de Estrépito

Soy el ciudadano indomable,
luchando por la semilla
miserable cada día.
Comiendo a los policías,
huyendo de ser pobre
sobre la ciudad que croa

Sou cidadão pobre^{*11}

Sou cidadão pobre,
lutando cada día
pela semente miserável.
Comendo o que sobra,
fugindo da polícia
sobre esta cidade indomada.

11 Tradução minha.

*No caso de não se sentir identificado com o que foi recitado, com pretensões revolucionárias pode mudar a ordem das palavras, dar-lhes outro significado, alterar o sistema imposto, trocar posições, retirar as que se encontram em cima e dar uma vida melhor às que se encontram em baixo, o que quer que seja. Por exemplo:

Pobre, sou um cidadão
Eu sou o cidadão no topo,
lutando contra a polícia
pela cidade miserável.
Comendo sou pobre,
fugindo todos os dias
sobre minha semente indomável.

Te convidamos a fazer a sua intervenção
Pode fazê-lo tomando captura de tela
desta zona ou realizá-lo onde quiser
para partilhá-lo com noxs através da revista
ou guardá-la.

cidadão, sou pobre

Intervenção de Estrépito

Sou o cidadão indomável,
lutando pela semente
miserável cada dia.
Comendo aos polícias,
fugindo de ser pobre
sobre a cidade que coaxa.

A sequência de poemas e diálogos acima, publicados na 4ª edição e propostos por Carlos Gael Escobarete Avila, da Cidade do México,

constitui-se de um jogo de inversões e de desafio ao leitor e a própria estrutura da revista. Esta, de maneira direta, também participa do diálogo, dando novos sentidos à poesia em questão e a si mesma. Depois de apresentar um eu lírico inquieto diante de uma estrutura social desigual e violenta, Avila propõe que o leitor se rebelde invertendo a ordem estrutural dos versos e criando novos sentidos para o poema. Para ele, “cambiar el sistema impuesto, intercambiar puestos, quitar a los de hasta arriba y darle mejor vida a los de abajo” é um artifício poético e revolucionário para se vingar da estrutura que massacra o cidadão pobre, seja por meio da distribuição desigual de renda, seja por meio da violência imposta pela força policial, que é controlada pelo Estado. Conforme Lima (2021, p. 144), esse tipo de violência, no continente latino, é “um fenômeno social de natureza colonialista, cujo homicídio policial e desaparecimento forçado expressam dois agravantes de violências associados a estrutura de dominação vigente produzida pelo Estado em dinâmica com interesses do mercado”.

No primeiro poema, o importante para o cidadão desfavorecido é estar “huuyendo del policía”, dada a impossibilidade de vencer essa força dominante. No poema seguinte, que nasce do desafio de se propor uma intervenção revolucionária, o essencial é seguir “luchando contra la policía”, a fim de manter-se vivo. Na intervenção da própria revista, o que se propõe é devorar a polícia e as forças de poder, ou seja, eliminá-la.

No que diz respeito a essa relação do indivíduo com a polícia e as forças dominantes, é preciso expor que, tanto no México como em toda América Latina, a violência policial é movida por

determinados marcadores sociais da diferença, associados às desigualdades sociais, [...] fundamentais para a produção de mortes violentas e seus efeitos sociais, cometidas pelos aparelhos repressivos do Estado, sendo eles: raça, etnia, classe, ideologia política. (LIMA, 2021, p. 144)

Diante desse panorama, as minorias são alvos constantes da violência e da repressão. Por isso, é preciso fugir, lutar e eliminar as forças de poder para não desaparecer ou ser morto. Ainda sobre isso:

A literatura mexicana referente ao desaparecimento forçado aponta esse agravante da violência ser mais contemporâneo, intensificado nas últimas décadas com a explosão da militarização da violência, fomentado pelo discurso neoliberal da guerra ao narco, em 2006. Apesar desse fenômeno não ser algo secular no México, a relação entre os interesses do capital, em especial o mercado ilegal das drogas, a violência institucional e desigualdades sociais se valem das fragilidades da condição histórica colonialista de marginalização de populações indígenas e seus descendentes e de posicionamentos político-ideológicos contrários aos interesses hegemônicos, seja do mercado ou do interior da instituição, por meio de agentes da segurança pública. (LIMA, 2021, p. 149-150)

Tendo em vista isso e os poemas aqui discutidos, nota-se que a estrutura é o foco central do diálogo proposto por Avila. Tal estrutura não diz respeito somente ao poema e revista, mas também ao aspecto social. Os cidadãos pobres mexicanos e latinos sofrem com a desigualdade social e com a violência histórica que lhes é imposta. Romper com essa estrutura violenta e cruel é uma urgência. De certo modo, o jogo de sentido na mudança das palavras nos versos dos poemas grita por isso.

Seguimos com a reflexão sobre os poemas da *Granuja Revista*.

4.2 Poemas da ***Granuja Revista***

Apresentam-se, agora, os quatro poemas selecionados da *Granuja Revista*, acompanhados das respectivas análises.

Méxxxico

Irma Lite

¡Cuánto te equivocabas, Ramón,
que México se escribe con una x
que tiene algo de cruz de calvario!
Méxxxico, si algo tiene esa triple condena
es su pornográfica violencia,
su lujuria visual,
su público, cual cacique gordo,
orondo de mañaneras,
escándalo, corrupción
feminicidio y telenovelas.

Una cruz para tus mujeres,
señal siniestra de carretera,
para tus vírgenes, putas, mártires
que con su sangre mantienen
Ecatepec, Tenancingo, Juárez
y las sed de las textileras.
Sangres en la casa familiar,
en el burdel clandestino,
en los abortorios secretos
donde un cirujano cristiano,
al terminar, con su pañuelo celeste
se limpia las manos.
Cuerpos apilados
en el archivero del procurador,
en los apandos de Santa Marta,
con la lenta esperanza del caracol.

Otra cruz para tus niños:
los que Duarte vacunó con su avaricia
y que con su sonrisa cobarde,
enseñando los colmillos,
nos recuerda que esta nación caníbal
se alimenta de sus hijos.
Niños ahogados en el río Bravo
o por el smog del periférico,
niños golpeados, atropellados,
los mismos niños que, aunque violados
por las sotanas púrpura del Episcopado,
no pueden ver dos gays besándose,
porque eso, eso sí es pecado.

Y una última cruz por todo el pueblo crucificado,
cristos morenos, cristos sin nombre,
cruces en las aceras, de ceniza, polvo y barro,
los que aparecen descabezados
o en el cráneo un plomo sembrado
por un kilo de coca o el coche recién pintado.
Cristos envenenados, desplazados
por las mineras canadienses,
de Chenalhó hasta el Gabacho,
por la falta de futuro
a las fauces de Amerikkka y su maníaco.

Tus 43 cristos levantados
o los otros 10000 sepultados,
los que con sus cadáveres pudren los ríos
y el futuro más cercano.
Los que beben el fango seco de Texcoco
a la espera de que eso o el plomo
de Culiacán, Acapulco o Michoacán
acabe de una vez con todo.

Méxxico, con tus tres cruces
herido, saqueado, vulnerado,
que por cada uno de tus muertos,
por cada uno de tus ejecutados,
díos, tu virgen, todo el panteón prehispanico,
se congracien con tus sacrificios
de tu tzompantli colapsado
y nos traigan un poco de paz
aunque, tal vez, no la merezcamos.

Méxxico¹²

Como te equivocavas, Ramon!
que México se escreve com um x
que tem algo da cruz do Calvário!
Méxxico, se algo tem esta tripla condenação
é a sua violência pornográfica,
sua luxúria visual,
seu público, como um cacique gordo,
gordo das manhãs,
escândalo, corrupção
feminicídio e telenovelas.

Uma cruz para tuas mulheres,
Sinistro sinal de trânsito,
para tuas virgens, prostitutas, mártires
que com o seu sangue mantêm
Ecatepec, Tenancingo, Juárez
e a sede dos moinhos têxteis.
Sangue na casa da família,
no bordel clandestino,
nos abortos secretos

12 Tradução minha.

onde um cirurgião cristão,
no fim, com o seu lenço azul claro
limpa as mãos.
Corpos empilhados
no gabinete de arquivo do procurador,
nas pilhas de Santa Marta,
com a lenta esperança do caracol.

Outra cruz para teus meninos:
os que Duarte vacinou com a sua avareza
e que com o seu sorriso cobarde
barrando as suas presas,
lembra-nos que esta nação canibal
se alimenta dos seus filhos.
Crianças afogadas no Rio Bravo
ou pelo fluxo da estrada circular,
crianças espancadas, atropeladas,
os mesmos meninos que, embora violadas
pelas batinas roxas do Episcopado,
não podem ver dois gays beijando-se,
porque isso, isso é um pecado.

E uma última cruz para todo o povo crucificado,
cristos morenos, cristos sem nome,
cruzes nos pavimentos, de cinzas, pó e lama,
os que parecem sem cabeça
ou no crânio uma semente de chumbo semeada
por um quilo de cocaína ou um carro recém-pintado.
Cristos envenenados, deslocados
pelas empresas mineiras canadianas,
de Chenalhó até a Gabacho,
pela falta de futuro
às mandíbulas de Amerikkka e do seu maníaco.

Teus 43 batizados elevados
ou os outros 10.000 enterrados,

os que com seus cadáveres apodrecem os rios
e o futuro mais próximo.
Os que bebem a lama seca do Texcoco
à espera disso ou do chumbo
de Culiacán, Acapulco ou Michoacán
acabe de uma vez com tudo.

México, com tuas três cruzes
feridos, saqueados, violados,
que por cada um dos seus mortos,
por cada um dos seus executados,
deus, a sua virgem, todo o panteão pré-hispânico,
se ingratiquem com teus sacrifícios
do seu tzompantli colapsado
e traga-nos um pouco de paz
embora, talvez, não a mereçamos.

O poema apresentado acima e presente na segunda edição da *Granuja Revista*, escrito por Irma Lite, revela um México de várias faces e problemas sociais. É a partir da relação do X e da cruz que o eu lírico discute e expõe o que seria esse “Méxxxico” múltiplo. No primeiro verso, a alusão ao escritor hispânico Ramón María del Valle-Inclán, que buscou representar a América Hispânica e sua cultura em seus escritos durante sua estadia no México (ALVES, 2016), propõe uma relação da contemporaneidade com a história do país. Em sua obra *Tirano Banderas, Novela de Tierra Caliente*, em que faz *una síntesis de América*¹³ (PIÑERO, 1958, p. 72), Ramón revela vários aspectos do México. Tais aspectos vão da linguagem a referências históricas (PIÑERO, 1958). Além disso, o autor retrata *el esperpento de América con la desventura de sus dictadores*¹⁴ (PIÑERO, 1958, p. 78) e, conseqüentemente, do México.

13 Tradução minha: uma síntese da América.

14 Tradução minha: o grotesco da América com o infortúnio dos seus ditadores

O x de México, motivo pelo qual Ramón diz ter ido ao país (PIÑERO, 1958), como se o x fosse um enigma misterioso que o atraísse, é apresentado no poema como padecimento e desgraça, dada sua semelhança com a cruz e o modo como Valle-Inclán absorve história do país e do continente em sua obra. Nesse sentido, a metáfora por trás da simbologia que a cruz traz remete a *la escena de Jesús rumbo al Calvario*¹⁵. (GONZÁLES GONZÁLES, 2011, p. 38). Dessa maneira, *cargar la cruz es una fórmula religiosa para indicar que hay que asumir los sufrimientos que la vida presente y aprender a tolerarlos, no a evitarlos; se trata de aguantar la carga de manera estoica*¹⁶ (GONZÁLES GONZÁLES, 2011, p. 38). O x que o México carrega pela história ainda está muito presente e o eu lírico detalha imagens de sofrimento. Não obstante, é essencial dizer que

la cruz no se asocia solamente al sufrimiento de Cristo, sino a la omnipotencia que comparte con Dios por considerársele consustancial a él; de esta manera, la gente atendiendo a sus creencias, siente que a través de la cruz está bendecida, protegida, defendida de amenazas diversas por Dios, precisamente porque piensa que la vida humana depende de él, como lo propone el esquema cultural fatalista religioso¹⁷. (GONZÁLES GONZÁLES, 2011, p. 46-47)

Por que Ramón estaria errado ao mostrar “que México se escribe con una x/ que tiene algo de cruz de calvario”? Certamente, porque as imagens que o eu lírico nos apresenta em seguida são apenas de con-

15 Tradução minha: à cena de Jesus rumo ao Calvário.

16 Tradução minha: carregar a cruz é uma fórmula religiosa para indicar que temos de assumir os sofrimentos que a vida apresenta e aprender a tolerá-los, não a evitá-los; trata-se de suportar o fardo de maneira estoica.

17 Tradução minha: a cruz não se associa somente ao sofrimento de Cristo, mas também à onipotência que partilha com Deus por o considerar consubstancial a ele; Dessa maneira, a gente, atendendo a suas crenças, sente que através da cruz está abençoada, protegida, defendida de ameaças diversas por Deus, precisamente porque pensa que a vida humana depende dele, como propõe o esquema cultural fatalista religioso.

denação e ausência de “proteção”. As imagens que vão surgindo nas sequências de versos contrastam com a religiosidade mencionada. Não há proteção para seus habitantes, que são engolidos até mesmo pela própria “nación caníbal”. Seja por meio da violência e da corrupção, seja por massacres e desterritorializações.

O x também remete à ideia de multiplicidade, de “tripla condenação”. De certo modo, os episódios que tentam pintar o Méxxxico (com três x) revelam muito dos problemas sociais do país. Pensando nisso e na estrutura do poema, o eu lírico, em sua oração satírica, dedica uma cruz/estrofe para três grupos que sofrem com a violência e o abandono. Na primeira dedicatória, a cruz é carregada pelas mulheres. O já mencionado caso de Juarez, em outra análise, e agora exposto nesse poema, deixa evidente a presença avassaladora do problema da violência contra a mulher no país. Além dos casos de feminicídio, o eu lírico aborda outra forma de violência (silenciosa) contra esse grupo: a criminalização do aborto. É extremamente necessário dizer que o aborto, desde 2021, é legalizado no México. Sendo assim, nossa análise considera apenas o contexto de publicação do poema, que é anterior a esse fato. Quanto à essa discussão sobre a pré-legalização, a situação no México é bem desenhada nos versos de Irma: “Sangres en la casa familiar,/ en el burdel clandestino,/ en los abortorios secretos/ donde un cirujano cristiano,/ al terminar, con su pañuelo celeste/ se limpia las manos”. Mesmo depois da intensificação do debate, em 2007, a descriminação do aborto não se espalhou para outras regiões do México, principalmente em função da *la constelación antiaborto — aglutinada por la Iglesia católica*¹⁸ — que *adoptó una estrategia a nivel nacional de promover leyes locales de reforma constitucional em los estados, reconociendo el derecho a la vida desde la concepción e incorporando así un término que encierra una visión religiosa de la*

18 Tradução minha: constelação anti-aborto — aglutinada pela Igreja Católica.

*reproducción a los códigos legales*¹⁹ (MAIER, 2015, p. 16). A relação entre religião e Estado nas discussões sobre os corpos das mulheres evidencia a prática da violência e do silenciamento. Ainda sobre essas discussões, cabe colocar as palavras de Maier:

Dado que históricamente el aborto nunca ha sido despenalizado en México, sino solo admitido en situaciones excepcionales como la violación, el incesto o el peligro de muerte materna, el cúmulo de nuevas reformas operadas como una cascada contagiosa de desaprobación, ratifica simbólica y jurídicamente el rechazo de dichos gobiernos estatales a la futura posibilidad de despenalizarlo en sus jurisdicciones²⁰. (MAIER, 2015, p. 16)

Diante desse quadro, o que restaria para as mulheres mexicanas é a dura poesia da “lenta esperanza del caracol”, a pouca perspectiva de mudança, os problemas de saúde decorrentes da negligência social da proibição do aborto e a luta constante. Essa cruz, carregada por imposição religiosa e governamental apresenta-se como um dos “Xs” da questão social do México, pelo menos até 2021, e ainda segue sendo de muitos outros países.

A segunda dedicatória, é atribuída, sobretudo, aos casos de pedofilia dentro da Igreja Católica. Uma igreja que não consegue “ver dos gays besándose,/ porque eso, eso sí es pecado”. Aqui, a hipocrisia dos discursos é colocada em foco. Os abusos contra crianças no âmbito da igreja e a condenação desta à homossexualidade se chocam. Para os

19 Tradução minha: adotou uma estratégia a nível nacional de promoção de leis locais de reforma constitucional nos Estados, reconhecendo o direito à vida desde a concepção e incorporando assim um termo que encerra uma visão religiosa da reprodução nos códigos legais.

20 Tradução minha: Dado que historicamente o aborto nunca foi descriminalizado no México, mas só admitido em situações excepcionais como a violação, o incesto ou o perigo de morte materna, a acumulação de novas reformas operadas como uma cascata contagiosa de desaprobção ratifica simbólica e juridicamente a rejeição destes governos estatais à futura possibilidade de despenalização em suas jurisdições.

ideais católicos, a homossexualidade se constitui como uma “ameaça à Criação Divina e” uma “promoção de pânico moral” (RIBEIRO, 2019, p. 500); uma espécie de risco para os valores da família. Todavia, as práticas de abuso sexual contra jovens na Igreja Católica em muitos casos são encobertas e tiradas do foco de discussão de tais valores. Conforme Gomes (2007),

O abuso sexual de crianças na Igreja Católica Romana não é um escândalo moderno. [...] Papas, bispos e padres souberam, durante séculos, que o abuso sexual de crianças é um problema, resumiram em 2006 os americanos Thomas P. Doyle, Richard Sipe e Patrick J. Wall, um padre e dois ex-sacerdotes, reputados especialistas na crise dos abusos. (GOMES, 2007, p. 24)

A forte presença de casos de pedofilia na Igreja Católica de todo o mundo e o silenciamento das discussões de gênero se apresentam também como uma cruz a ser carregada. Assim, o eu lírico joga com os sentidos da emblemática questão da religiosidade no México, para expor outros problemas sociais de seu contexto.

A última cruz é oferecida a todos os oprimidos. Aqueles que são abandonados pelo Estado; “cristos sin nombre”, aqueles que são discriminados; “cristos morenos”, aqueles tem os seus direitos e territórios retirados; “Cristos envenenados, desplazados/ por las mineras canadienses.” Pobres, negros e indígenas carregam a cruz social da discriminação e da ausência de proteção. Desta maneira, o eu lírico os mostra como cristos crucificados todos os dias no México.

Diante do exposto, pode-se constatar que os problemas sociais e a religiosidade são os elementos que configuram a poesia em Méxxxico. O tom que é empregado no poema remete a uma oração, que é dedicada a algumas questões históricas do México, e também ao debate de matriz religiosa presente no país. É mediante a sátira que eu lírico dialoga com as hipocrisias do Estado, da

religião e da família com relação a grupos minoritários. Desse diálogo, surgem episódios de sofrimento social que se perpetuam na história mexicana. Embora alguns desses problemas tenham sido amenizados, como, por exemplo, a recente legalização do aborto, a cruz social continua sendo carregada pelas minorias, conforme exposto na poesia de Irma Lite.

Na sequência a reflexão sobre “Voces silenciadas”:

Voces silenciadas

Un grito se escucha en lo oscuro.
Nadie oye, nadie grita.

La voz y el cuerpo putrefacto,
desmembrando las costillas de justicia.

Nadie ve, nadie clama.
La silueta tatuada en la piedra.
Su voz silenciada en el aire.
Nadie oye:
un grito enmudece a lo lejos.
Una marea grita.
Las piedras expulsan sangre.
La ciudad en des – hecho.
Calles panteoneras;
Resurgen ríos de cadáveres.

La ciudad se cubre de voces silenciadas.

Vozes silenciadas²¹

Um grito se escuta no escuro.
Ninguém ouve, ninguém grita.

A voz e o corpo apodrecido,
desmembrando as costelas da justiça.

Ninguém vê, ninguém clama.
A silhueta tatuada na pedra.
Sua voz silenciada no ar.
Ninguém ouve:
Um grito emudece ao longe.
Uma maré grita.
As pedras expulsam sangue.
A cidade des - feita.
Ruas panteónicas;
Ressurgem rios de cadáveres.

A cidade se cobre de vozes silenciadas.

“Voces silenciadas”, poema de Linda Citlalli Callejas Mondragón publicado na 5ª edição da *Granuja Revista*, uma “mulher nascida em 1994 na periferia (Ecatepec) da Cidade do México” (GRANUJA, 2021, p. 26, tradução minha), conforme ela mesma diz, coloca em discussão mais um aspecto recorrente em nossas análises: o silenciamento e a violência contra grupos minoritários. Em seu primeiro verso o eu lírico anuncia um grito que se perde na escuridão. Certamente, essa escuridão esconde territórios, corpos e vozes. Levando em conta a estrutura social das cidades, principalmente as das grandes metrópoles, os territórios “escondidos” são as periferias. Os corpos e vozes, por sua vez, surgem como representa-

21 Tradução minha.

ção dos que vivem nesses espaços. Diante disso, faz-se importante pensar a poesia a partir do contexto social da Cidade do México, uma das cidades mais populosas do mundo, e a sua relação com as periferias pobres. Tendo em vista isso, é necessário expor as reflexões de Bolán (2016):

Suena obvia la imposibilidad de pensar la periferia de la Ciudad de México sin tener presente una visión del centro. Éste es fundamentalmente la sede del poder económico, político, administrativo y simbólico no sólo de la región sino del país en su totalidad. Su lugar más emblemático, el Zócalo, ha sido objeto de sacralización por décadas. Expresa la legitimación de la dominación política: construcciones monumentales, herencia prehispánica, preeminencia de los espacios públicos sobre los privados; es un imán que sigue atrayendo visitantes, acciones políticas y conflictos de más allá de su demarcación. A diferencia de otras grandes ciudades, el centro de la Ciudad de México es un lugar privilegiado e intocable, y por lo mismo marca el contraste con lo periférico: éste es el espacio de lo privado, lo banal, lo cotidiano, lo efímero²²... (BOLÁN, 2016, p. 8)

Esse território é marcado pela invisibilidade e pela violência. Dele, surgem opressões e apagamentos de identidade silenciosos, fruto dos *processos de fragmentación social y económica que se han impuesto, sobre todo*

22 Tradução minha: Soa óbvia a impossibilidade de pensar a periferia da Cidade do México sem ter uma visão do centro. Este é fundamentalmente a sede do poder econômico, político, administrativo e simbólico não só da região, mas também do país como um todo. O seu lugar mais emblemático, o Zócalo, tem sido objeto de sacralização por décadas. Exprime a legitimação da dominação política: construções monumentais, herança pré-hispânica, preeminência dos espaços públicos sobre os privados; é um ímã que segue atraindo visitantes, ações políticas e conflitos para além da sua demarcação. Ao contrário de outras grandes cidades, o centro da Cidade do México é um lugar privilegiado e intocável, e por isso marca o contraste com a periferia: este é o espaço do privado, do banal, do cotidiano, do efêmero...

*en países como México*²³ (BOLÁN, 2016, p. 12). Assim, “nadie oye, nadie grita” na parte da cidade que é apagada pelo Estado. Tudo o que acontece no escuro não chega a luz dos monumentos do centro. No território das desigualdades, a cidade em sua totalidade, “la voz y el cuerpo” estão “putrefacto” e a justiça está mutilada, isto é, comprometida em sua estrutura. Nesse sentido, não há proteção para as vozes e corpos que ocupam tais espaços, visto que diante da frágil justiça e da ausência do Estado a violência encontra um alicerce. Outrossim, cabe colocar a visão de Lindón (2008) sobre a fragmentação da cidade e sua relação com a violência. Para ela, alguns lugares são evitados *por los habitantes en su cotidiano deambular ciudadano*²⁴ (LINDÓN, 2008, p. 13) por apresentarem profundas marcas de violência e de medo. Pode-se dizer que as periferias mais pobres, lugares desprivilegiados socioeconomicamente e extremamente marcados pela falta de segurança, fazem parte desses lugares evitados e profundamente estigmatizados.

No poema, as imagens que são costuradas na estrofe mais longa expõem os contrastes entre o silêncio e a violência. Tal contraste revela-se minuciosamente por meio do detalhe da silhueta tatuada na pedra, ou seja, das marcas de sofrimento, ao grito interrompido, do sangue que escorre das ruas da cidade ao indiferente grito da maré, que se encontra com “ríos de cadáveres”, sem identidades reveladas. A voz do poema grita o que tem de ser gritado e, assim, expõem os sofrimentos de indivíduos silenciados socialmente. O eu lírico, em seu último verso, parece gritar isoladamente: “la ciudad se cubre de voces silenciadas”. Essas vozes estão presentes do centro à periferia. Entretanto, é nesta última onde as injustiças mais se insinuam. Por este motivo, dentro desse território certos corpos e vozes enfrentam mais dificuldades de sobrevivência e de acesso a uma boa qualidade de vida.

23 Tradução minha: processos de fragmentação social e econômica que se têm imposto, sobretudo em países como o México.

24 Tradução minha: pelos habitantes em seu cotidiano deambular cidadão.

Sobre os aspectos estruturais do poema vale ressaltar os versos livres e sem métrica, característica também muito recorrente nos poemas estudados até aqui. Outro ponto a ser observado diz respeito à organização dos versos e seus sentidos. As duas primeiras estrofes são constituídas de somente dois versos, a terceira de dez e a última de um. Na primeira, o segundo verso anula (silencia) a ideia contida no primeiro. Já na segunda, o último verso justifica o sentido apresentado no primeiro. A terceira estrofe percorre a cidade e seus sofrimentos. A última, com um verso/grito isolado, sugere uma conclusão acerca das imagens descritas.

Em suma, a poesia em “Voces silenciadas” grita com um tom triste e sutil. Ela expõe os silenciados e seus territórios esquecidos. As vozes e os territórios não são revelados no poema e, por essa razão, não possuem identidade. Todavia, o silenciamento nos conduz a pensar em alguns grupos violentados (fisicamente, psicologicamente e territorialmente) no México, como os indígenas e as mulheres, conforme visto em outras análises deste trabalho. Sobre a relação das periferias com os povos indígenas é relevante explicar que

Pese a la gran importancia de los suburbios en términos de superficie y población, una bruma de invisibilidad siempre los ha envuelto. La ciudad colonial novohispánica fue fruto de un dualismo que excluía a la inmensa mayoría de la población. México fue y es hasta ahora, una tierra en que viven diversas comunidades indígenas. Sin embargo su importancia social y demográfica no impidió que se les despreciara e ignorara. Durante la Colonia, los indios conformaban una masa miserable y taciturna que parecía no existir en el ordenamiento legal y político. Tras dos siglos de Independencia, los indígenas siguen luchando por encontrar aún su acomodo en la configuración del Estado mexicano²⁵. (BOLÁN, 2016, p. 6)

25 Tradução minha: Apesar da grande importância dos subúrbios em termos de superfície e população, estes sempre estiveram envoltos numa névoa de invisibilidade. A cidade

A exclusão, o silenciamento e a violência são tirados de foco pelas forças dominantes. “Un grito se escucha en lo oscuro”. A crueldade da ausência de proteção e de direitos silencia a identidade dos indivíduos. Dessa maneira, essas identidades massacradas têm seus gritos abafados diariamente nas cidades. Linda, com sua poética, tenta rasgar as mordanças sociais e fazer ecoar o grito dos silenciados. Vejamos outro poema da autora:

¿Dónde están?

Con gritos de “¿Dónde están?” las voces se escuchan.
Ríos negros corren por las calles citadinas:
Evocan cuerpos, membranas desgarradas.

¿Dónde están?
Las paredes buscan caras,
Limpian los cuerpos.

Ciudad, dime, ¿dónde buscar?

Finge darme esperanza, mientras yace el cuerpo embolsado.
La cera de mi cirio se desborda en mis dedos,
Igual que las ganas de abrazarte de vuelta.

Hoyos profundos, tan hondos como las fosas,
Tan taciturnos, tan térreos.
Huesos clamando su forma,

Bocas amordazadas, que buscan penetrar los oídos.

colonial novo-hispânica foi o resultado de um dualismo que excluiu a imensa maioria da população. O México foi e é até agora, uma terra em que vivem diversas comunidades indígenas. Contudo, a sua importância social e demográfica não os impediu de serem desprezados e ignorados. Durante a Colonia, os índios configuravam uma massa miserável e taciturna que parecia não existir no ordenamento legal e político. Dois séculos após a Independência, os índios seguem lutando para encontrar o seu lugar na configuração do Estado mexicano.

Onde estão?²⁶

Com gritos de “Onde estão?” as vozes são ouvidas.
Os rios negros correm através das ruas da cidade:
Evocam corpos, membranas rasgadas.

Onde estão?
As paredes buscam rostos,
Limpam os corpos.

Cidade, diga-me, onde buscar?

Finja dar-me esperança, enquanto está o corpo ensacado.
A cera da minha vela transborda nos meus dedos,
Tal como o desejo de abraçar-te de volta.

Furos profundos, tão profundos como poços,
Tão taciturnos, tão áridos.
Ossos clamando sua forma,

Bocas amordaçadas, que buscam penetrar nos ouvidos.

Ao contrário do poema “Voces silenciadas”, em “¿Dónde están?”, também escrito por Linda Citlalli Callejas Mondragón e também publicado na 5ª edição da *Granuja revista*, os gritos se fazem ouvidos na cidade. Essas vozes que gritam expõem seus desesperos diante da violência. Esses gritos se deparam com imagens comuns no México: “Ríos negros corren por las calles citadinas:/ Evocan cuerpos, membranas desgarradas”. Estes corpos desaparecidos são buscados pelas vozes. Estas não os encontram e pedem resposta a cidade e seus governantes.

Levando em conta essa questão, a poesia em “¿Dónde están?” constrói certa relação com a problemática do desaparecimento forçado

26 Tradução minha.

no México. Sobre isso, é importante citar o caso dos 43 desaparecidos de Ayotzinapa, escola localizada na cidade de Iguala, Estado de Guerrero, no ano de 2014, que configura um episódio brutal da história do país, tal como o massacre de estudantes em 1968 (BACA, 2014). Nas palavras de Barriendos (2019), os fatos aconteceram da seguinte forma:

na noite de 26 para 27 de setembro de 2014, um grupo de 80 alunos foi interceptado durante as ações preparatórias para as manifestações de “Dos de Octubre” – realizadas anualmente em um feriado totalmente politizado no qual cidadãos e instituições relembram o massacre de estudantes ocorrido em 1968, no bairro de Tlatelolco, na Cidade do México. Em atuação coordenada com agências estatais, Polícia Federal, crime organizado e militares, um grupo de policiais municipais atacou os alunos: matou dois, causou dano cerebral permanente a um e prendeu e fez desaparecer 43. (BARRIENDOS, 2019, p. 7)

Na ocasião o Estado mexicano atribuiu a ação a uma quadrilha da região. Contudo, os relatórios apresentados sobre o caso foram considerados pouco consistentes e até hoje não se tem respostas sobre os desaparecidos e nem culpados sentenciados. Em decorrência disso, o caso é considerado um crime de Estado. Esse acontecimento produziu mobilizações fortes na sociedade mexicana. A partir desse momento a luta contra o esquecimento ganhou mais ênfase no espaço público (BARRIENDOS, 2019).

Além disso, os acontecimentos estabeleceram uma ponte com o movimento social de 1968; as vítimas da chamada Guerra Suja (nos anos 1970 e 1980, no México); o aumento da violência decorrente da Guerra às Drogas, declarada em 2006 pelo então presidente Felipe Calderón; e o número surpreendente de covas clandestinas descobertas nos últimos anos. [...] Longe de ser um caso isolado, Ayotzinapa removeu profundamente a arquitetura somática do tecido social mexicano. (BARRIENDOS, 2019, p. 7)

Com o Gabinete Geral de Investigação de Desaparecimentos Forçados e Violações do Estado no México alguns movimentos impulsionados por familiares dos desaparecidos e vítimas ganharam força (BARRIENDOS, 2019). Eles “tornaram-se vozes publicas inevitáveis” (BARRIENDOS, 2019, p.8), assim como as vozes no poema. A busca por respostas se fez e faz ouvida por todo o México: “¿Dónde están?/ Las paredes buscan caras,/ Limpian los cuerpos”. Em outros momentos, a espera por resposta parece eterna e ganha tons de angústia: “Ciudad, dime, ¿dónde buscar?/ Finge darme esperanza, mientras yace el cuerpo embolsado./ La cera de mi cirio se desborda en mis dedos,/ Igual que las ganas de abrazarte de vuelta.”

Sobre a violência contra os corpos é necessário apontar um dado importante: “O número oficial de corpos desaparecidos no país é alarmante. Ao longo de 13 anos, de 2006 a 2019, foram encontradas mais de três mil covas clandestinas e cerca de cinco mil corpos” (BARRIENDOS, 2019, p.9). É pensando nisso que o nosso eu lírico tenta impactar com imagens sombrias: “Hoyos profundos, tan hondos como las fosas,/ Tan taciturnos, tan térreos./ Huesos clamando su forma”. Esse clamar pela estrutura original do corpo surge como uma metáfora sombria da busca por justiça. Aliás, o teor sombrio é marcante no poema e muito bem construído, visto as imagens descritas e as marcas de medo que envolvem a temática abordada.

É também interessante pensar na relação entre as imagens apresentadas pelo eu lírico e as imagens de restos de corpos que surgiram na mídia mexicana durante o grande aparecimento de covas clandestinas (BARRIENDOS, 2019). O poeta e ativista Javier Sicilia foi preciso ao fazer essa relação: “Semanas atrás recibemos várias fotos do Semefo (Instituto Médico Legal) [...] O que você encontra nelas vence a linguagem” (SICILIA, 2016, apud BARRIENDOS, 2019, p. 8). As imagens evocadas pelo eu lírico se misturam às imagens de milhares de copos fragmentados. Assim, a realidade e a poética, a “materialidade de

restos mortais” e “a imaterialidade do corpo ausente” (BARRIENDOS, 2019, p. 18), conectam-se para enfrentar o contexto de violência.

As vozes e a voz do poema também se conectam, de modo que não se pode reconhecer quem está falando, como na segunda e terceira estrofes, respectivamente: “¿Dónde están?”/ “Ciudad, dime, ¿dónde buscar?”. É como se um grito coletivo em busca de respostas para as violências fosse construído. Os versos isolados, diferente do poema “Voces silenciadas”, como é o caso do último, o grito e a indagação parecem ecoar: “Bocas amordazadas, que buscan penetrar los oídos”. Os que não podem falar, os desaparecidos, esperam ao menos a revelação e pena dos culpados. E os que podem, os familiares e amigos, lutam pela prevalência da memória sobre o esquecimento do Estado.

A poesia em “¿Dónde están?” além de questionar, também enfrenta a postura altamente violenta do Estado. A angústia, o terror, o sofrimento e a indignação configuram o grito de corpos presentes e corpos ausentes. Um grito que ainda perdura como o de 2014: “¡FUE EL ESTADO!// ¡VIVOS LOS SECUESTRARON, VIVOS LOS QUEREMOS!// ¡QUE SE VAYAN TODOS LOS RESPONSABLES DE/ LA BARBARIE EN MÉXICO!” (BACA, 2014, p. 431).

Vejamos, agora, o poema “Cuartizados”:

Cuartizados

Y resulta que la sangre no era
aquel no fue disparo
no sirenas.
y escucho:
“se atornillaban las piernas.
se parchaban los huecos
y los trozos se articulan”.

Que las fosas son escondites,
gomitas los ojos del niño.

El miedo farsa, la metralla, de fiesta.
Los dedos se atornillan.

Y los que eran torsos (me) saludan
mira, ¡hay casquillos souvenir!
en la banqueta roja donde
vuelves
sin tus partes desarmadas.

Ahora de amor las pústulas
de las carnes en el predio.
La vulva en flor entre las matas,
de risa su mueca en el baldío.
Sólo pose para foto.
Souvenir.

Esquartejados²⁷

E resulta que o sangue não era
aquilo não foi um disparo
nem sirenes.
E escuto:
“se aparafusaram as pernas”.
se remendaram os buracos
e os pedaços se articulam”.

Que as fossas são esconderijos,
gomos os olhos do menino.
O medo farsa, os estilhaços, de festas.
Os dedos se parafusam.

27 Tradução minha.

E aqueles que eram torsos (me) saúdam
olha, há conchas de lembranças!
no banco vermelho onde
voltas
sem tuas partes desmontadas.

Agora de amor as pústulas
das carnes no solo.
A vulva em flor entre as matas,
rindo sua careta no terreno baldio.
Só pose para foto.
Lembrança.

O poema acima, de Ricardo Guzmán García (Xalapa, México), publicado na 4ª edição da *Granuja revista*, reflete, como no poema anterior, sobre a questão do desaparecimento forçado no contexto mexicano. Nesse sentido, é importante pensar algumas relações. Os poemas “¿Dónde están” e “Cuartizados”, por exemplo, tratam esse tema de diferentes formas, sem, no entanto, deixar de amarrar sentidos. Se no primeiro tudo se volta para as vozes que gritam e lutam por justiça, no outro tudo se volta para os corpos mutilados e as imagens (transmutadas em lembranças) destes. Nesse último, o tom empregado é mais cru, pois não revela nenhum sentimento diante das imagens apresentadas. O outro, por outro lado, emprega, por meio das vozes, um tom carregado de sentimentos.

Pensando no tom e nos sentidos costurados, é notável a ironia contra a violência do Estado nos primeiros versos: “Y resulta que la sangre no era/ aquel no fue disparo/ no sirenas”. A negação de participação nos desaparecimentos, como no caso de 2014, parece construir muros de esquecimento, conforme exposto na análise de “¿Dónde están”. A luta pela memória aqui não se dá pelas vozes dos parentes dos desaparecidos, mas pela lembrança do corpo fragmentado, pela exposição da imagem crua e seu impacto. Nos versos seguintes esses corpos em

fragmentos, em pedaços, surgem em imagens sarcásticas: “se atornilaban las piernas./ se parchaban los huecos/ y los trozos se articulan”. A imagem revela mais uma vez o esquecimento propagado pelo Estado com relação as vítimas desaparecidas. Não houve sangue e nem tampouco houve corpos em pedaços. Tudo retorna a sua origem como se nada tivesse acontecido.

No que concerne a estrutura do poema, vale ressaltar a organização das estrofes. São quatro no total. As partes/estrofes juntas formam o corpo total do poema. Os corpos desaparecidos e o corpo do poema são postos como iguais. Desta maneira, forma e conteúdo se relacionam. É como se cada pedaço dos esquartejados estivessem espalhados por cada estrofe do poema, que também constituem pedaços de lembranças silenciadas.

Os esquartejados têm os seus esconderijos nas fossas, revela o eu lírico. A goma de mascar ou os olhos do menino mostram como tudo pode virar pedaços em instantes e desaparecer: “El miedo farsa, la metralla, de fiesta”. Os corpos incompletos são apenas lembranças agora: “Y los que eran torsos (me) saludan/ mira, ¡hay casquillos souvenir!/ en la banqueta roja donde/ vuelves/ sin tus partes desarmadas”. Tudo transita entre o sarcástico e o macabro. O eu lírico busca a sua justiça expondo o cruel, a carne nua e crua. E por isso diz: “Ahora de amor las pústulas/ de las carnes en el predio./ [...] Sólo pose para foto./ Souvenir”. A podridão dos corpos jogados em valas ou até mesmo o estupro exposto na metáfora trágica da “vulva en flor entre las matas,/ de risa su mueca en el baldío”, constituem a fotografia para não deixar de lembrar da barbárie dos casos de desaparecimento forçado no México e da violência avassaladora que se propaga no país. E o último verso é preciso ao dizer apenas: “Souvenir”. Palavra-chave para algumas lutas recentes no México como temos visto nas poesias até aqui analisadas: A luta pela memória, a luta contra o silenciamento.

A poesia em “Cuartizados” simboliza muito bem o contexto de necropolítica existente em países situados na periferia do capitalismo, tal como o México. A violência feroz que atinge boa parte do país é fruto dessa “política cujo objetivo é a aniquilação em larga escala” (HILÁRIO, 2016, p. 203). Em um momento de crise estrutural, que vem crescendo a cada ano, e no qual as pessoas e sua força de trabalho passam a não interessar mais ao capital, a vida se torna descartável/aniquilável (HILÁRIO, 2016). O desaparecimento forçado, muito discutido neste trabalho, constitui um dos procedimentos necropolíticos utilizados contra os corpos que não servem mais para a estrutura atual ou que lutam contra ela (HILÁRIO, 2016). Este poema e em todos analisados até aqui, evidenciam uma certa poética da violência contra os corpos. Quanto a isso, em seu estudo sobre coletâneas de poesia de jovens poetas mexicanos, publicadas entre 2010 e 2020, Cristino percebe alguns aspectos interessantes que envolvem a jovem poesia mexicana:

[...] Para la poesía mexicana, el 2010 cobra importancia no tanto de cara al pasado, sino como reflexión sobre el mismo presente. Con el inicio de la nueva década, se volvió evidente el fracaso de la guerra contra el narcotráfico declarada por el gobierno de Felipe Calderón, cuyos estragos han hundido al país en una escalada de violencia en contra de la población civil. Como prueba de ello, el asesinato de 72 migrantes en el municipio de San Fernando, Tamaulipas, perpetrado en agosto de 2010, marcó un punto de inflexión que sacudió también la vida cultural de México. Éste es el país en el que escriben los poetas de las nuevas generaciones, y las obras que reúnen su trabajo dan cuenta de la manera en la que la escritura ha incorporado las huellas de una violencia sistémica, como evidencian las selecciones contemporáneas (sincrónicas) que aquí considero: *La Edad de Oro. Antología de poesía mexicana actual* (2012), *Astronave. Panorámica de poesía mexicana (1985-1993)* (2013), *Poetas parricidas (generación entre siglos)* (2014), *Los reyes subterráneos. Veinte poetas jóvenes de México* (2015)

y Novísimas. Reunión de poetas mexicanas (1989-1999) (2020)²⁸.
(CRISTINO, 2022, p. 131)

Diante disso, as poesias analisadas até o momento se mostram imersas no contexto social mexicano atual. A política da morte, a necropolítica, aparece, de certo modo, como alvo de crítica. Em “Cuartizados”, os mecanismos dessa política, como o descarte da vida, o desaparecimento forçado, a violência contra os corpos, são evidentes. As imagens fragmentadas apresentadas no poema apresentam um quadro social que vai além do México e se expande por toda América Latina, uma das periferias do capitalismo. A poesia presentifica-se de forma impactante, irônica, nua, crua e crítica no poema de Ricardo Guzmán García.

28 Tradução minha: Para a poesia mexicana, 2010 assume importância não tanto em termos do passado, mas sim como uma reflexão sobre o próprio presente. Com o início da nova década, tornou-se evidente o fracasso da guerra contra o tráfico de droga declarada pelo governo de Felipe Calderón, cujo estrago mergulhou o país numa escalada de violência contra a população civil. Como prova disso, o assassinato de 72 migrantes no município de San Fernando, Tamaulipas, perpetrado em Agosto de 2010, marcou um ponto de inflexão que também abalou a vida cultural do México. Este é o país em que escrevem os poetas das novas gerações, e as obras que reúnem os seus trabalhos dão conta da forma como a escrita incorporou os traços de uma violência sistêmica, como evidenciam as seleções contemporâneas (sincrônicas) que aqui considero: La Edad de Oro. Antología de poesía mexicana actual (2012), Astronave. Panorámica de poesía mexicana (1985-1993) (2013), Poetas parricidas (generación entre siglos) (2014), Los reyes subterráneos. Veinte poetas jóvenes de México (2015) e Novísimas. Reunión de poetas mexicanas (1989-1999) (2020).

4.3 Poemas do blog *Fuego de Luka*

Inicialmente apresentam-se os poemas de Patricia Vázquez:

20 DE NOVIEMBRE DE 2016

Marcela fue un toro.

Entre los lunares
de la capa morena en su piel
se asoma un planeta rojo
volcán extinto en la muñeca de su mano
sin señal
de trágicas batallas
y veneno.

Ayer manejé
y Marcela era copiloto
en sus labios gruesos
los semáforos
de verde a rojo
formaron la espalda abultada
y el pelaje tan oscuro
en que muere la noche.

Marcela fue un toro salvaje
libre y sin dueño
que vive en la meseta
de los cerros olvidados
donde se reproduce
la naturaleza
y de los extremos
a la vista plana
se exalta la violencia
de toro salvaje

que nunca será
marcado
por el hombre.

Le dije a Marcela
sé lo que fuiste
en tus vidas
anteriores.

Mi esposa
siguió con su vista oscura
en el coche de enfrente.

20 DE NOVEMBRO DE 2016²⁹

Marcela foi um touro.

Entre os luares
da capa morena na sua pele
se aproxima um planeta vermelho
vulcão extinto no pulso da sua mão
sem sinal
de trágicas batalhas
e veneno.

Ontem dirigi
e Marcela era copiloto
em seus lábios grossos
os semáforos
do verde ao vermelho
formaram as costas salientes
e o pelo tão escuro
em que morre a noite.

29 Tradução minha.

Marcela foi um touro selvagem
livre e sem dono
que vive no planalto
das colinas esquecidas
onde se reproduz
a natureza
e dos extremos
para a vista plana
se exalta a violência
do touro selvagem
que nunca será
marcado
pelo homem.

Eu disse a Marcela
sei o que foste
em suas vidas
anteriores.

Minha esposa
seguiu com seus olhos escuros
no carro de em frente.

No poema “20 de noviembre de 2016”, de Patricia Vázquez, retirado do livro *Diário de uma poeta recém casada*, o eu lírico descreve simbolicamente sua esposa, Marcela. O touro, animal forte e de natureza violenta, constitui a essência dessa mulher. A metáfora, construída de maneira precisa, permite discutir algumas questões que giram em torno de uma palavra-chave muito observada neste trabalho: a violência. No México, a prática de violência contra o touro é muito comum. As corridas de touro, herdadas da Espanha, são muito presentes no turismo do país (QUINTERO VENEGAS e LÓPEZ, 2018). Essa prática, considerada cultural, tem por objetivo massacrar e dominar os animais. Elizalde (2012) citada por Quintero Venegas e López (2018), explica detalhadamente como esses eventos acontecem. De acordo com a autora,

[...] la faena se divide en tres suertes (actos) o “tercios”, anunciados mediante un toque de trompeta: en el primer tercio los toreros cansan al toro y lo preparan para los picadores, jinetes que, desde sus caballos vendados de los ojos, le lanzan puyas con puntas aceradas, las cuales se introducen en los músculos ubicados entre los omóplatos, cortando varias fibras que lo debilitan aún más; en el segundo tercio regresan los toreros, uno de los cuales –a veces el propio matador– pincha al toro de la manera más “limpia” y “elegante” posible con las banderillas: palos delgados con puntas metálicas de 70 a 78 centímetros de largo, recubiertos y adornados con papel picado. [...] En el tercer tercio, una vez que el toro está sumamente exhausto, se pasa a la “suerte de muleta”, en la que el matador se luce con diferentes movimientos que [...] buscan ser “agraciados” y “atrevidos”, al tiempo que la multitud, excitada por haber percibido la “valentía” y “finura del matador, le grita “¡olé!”³⁰. (ELIZALDE, 2012, apud QUINTERO VENEGAS e LÓPEZ, 2018, p. 209-210)

A violência marcante contra esses animais vem provocando debates quanto a proibição ou não do que para muitos é um elemento importante da cultura local. Tendo em vista o exposto, é importante considerar a representação simbólica que envolve as touradas. *La tauromaquia se funda en los valores simbólicos de la masculinidad hispanoamericana que [...] están ligados a la obstinación, la asertividad, la potencia sexual, la independencia y el*

30 Tradução minha: a tarefa está dividida em três sortes (atos) ou ‘terços’, anunciados mediante um toque de trombeta: no primeiro terço, os toureiros cansam o touro e preparam-no para os picadores, cavaleiros que, dos seus cavalos vendados os olhos, lançam facadas com pontas de aço, que são introduzidas nos músculos localizados entre as omoplatas, cortando várias fibras que o enfraquecem ainda mais; no segundo terço, regressam os toureiros, um dos quais - por vezes o próprio matador - pica o touro da maneira mais “limpa” e “elegantemente” possível com bandarilhas: paus finos com pontas metálicas, de 70 a 78 centímetros de comprimento, cobertos e decorados com papel picado. [...] No terceiro terço, uma vez que o touro está extremamente exausto, se passa para a “sorte de muleta”, em que o matador se exhibe com diferentes movimentos que [...] buscam ser “graciosos” e “ousados”, enquanto a multidão, excitada por ter percebido a “valentia” e a “delicadeza” do matador, grita “olé!”

*autocontrol; con lo cual solo los hombres pueden jugar el papel de matadores*³¹ (STAFFORD, 1998, apud QUINTERO VENEGAS e LÓPEZ, 2018, p. 207). Embora houvesse existido mulheres toureiras, estas ocuparam um segundo plano, visto que, sob o ponto de vista cultural, a mulher não pode exercer o autocontrole ou apresentar a “virilidade”/ força do homem (THOMPSON, 2013, apud QUINTERO VENEGAS e LÓPEZ, 2018).

No poema em questão, o eu lírico coloca a representação feminina de Marcela como igual a do touro, visto que ambos são historicamente e culturalmente violentados pelos homens. Desta maneira, fugir e se isolar da perversidade da natureza masculina e usar de sua violência para se proteger constitui uma liberdade: “Marcela fue un toro salvaje/ libre y sin dueño/ que vive en la meseta/ de los cerros olvidados/ donde se reproduce/ la naturaleza/ y de los extremos/ a la vista plana/ se exalta la violencia/ de toro salvaje/ que nunca será/ marcado/ por el hombre”. Longe do homem e de uma cultura extremamente machista, Marcela não pode ser ferida tal como os touros são. Conforme Lobo (2016), “no México, uma mulher que se movimenta na esfera pública, sem supervisão masculina, com meios de subsistência (ainda que mínimos), expõe-se, provoca e merece os crimes de que é alvo” (LOBO, 2016, p. 50). A cultura machista provoca a violência e compactua com ela. No poema de Patricia Vázquez, Marcela está livre dessa supervisão masculina e, por isso, transfigura-se na imagem de um touro que vive nas montanhas, distante da crueldade e das marcas sociais.

Nesse jogo de sentidos, de imagens semelhantes, de aproximações com aspectos violentos da cultura, o eu lírico descreve também uma mulher forte, carregada de marcas, que certamente estão ligadas à sua posição de mulher dentro da sociedade: “Entre los lunares/ de la capa morena

31 Tradução minha: A tauromaquia funda-se em valores simbólicos da masculinidade hispano-americana que [...] estão ligados à obstinação, assertividade, potência sexual, independência e autocontrole; segundo os quais só os homens podem desempenhar o papel de matadores.

en su piel/ se asoma un planeta rojo/ volcán extinto en la muñeca de su mano/ sin señal/ de trágicas batallas/ y veneno”. Além disso, a voz do poema também destaca os traços fortes da companheira, principalmente na terceira estrofe, quando um tom poético contemplativo prevalece: “en sus labios gruesos/ los semáforos/ de verde a rojo/ formaron la espalda abultada/ y el pelaje tan oscuro/ en que muere la noche”.

A poesia em “20 de noviembre de 2016”, título que parece representar o momento em que se deu observação do eu lírico a respeito de Marcela, revela aspectos de violência. O elemento da cultura, que fere animais de maneira cruel, e o elemento social, que violenta física e psicologicamente as mulheres, fundem-se em um jogo de espelhos. Isso acaba por mostrar problemas estruturais e relações muito próximas entre cultura e sociedade e, além disso, como certas práticas selvagens, contra o ser animal e o ser humano, estão vivas explícita ou implicitamente no imaginário coletivo.

Vejamos outro poema:

29 DE JULIO DE 2016

En el área de fumadores
del crucero
se acercó una mujer italiana
platicamos
a señas / y gesticulaciones exageradas.

Reía con Marcela
y en cada oportunidad / tocó
su hombro / y las manos
jugueteó / con su ropa.

Supo que somos esposas
y se fue gritando
que era un acoso.

Un austriaco sonrió
y dijo
Italia / está a un paso / de El Vaticano.

Yo le contesté
que no todas las mujeres
eran de nuestro agrado.

29 DE JULHO DE 2016³²

Na área de fumadores
do cruzeiro
se acercou uma mulher italiana
conversamos
a sinais / e gesticulações exageradas.

Riu-se com Marcela
e em cada oportunidade / tocou
seu ombro / e as mãos
brincaram / com sua roupa.

Soube que éramos esposas
e se foi gritando
que era um assédio.

Um austríaco sorriu
e disse
Itália / está a um passo / do Vaticano.

Eu lhe respondi
que nem todas as mulheres
eram do nosso agrado.

32 Tradução minha.

Em “29 de julio de 2016”, Marcela ressurge nos versos de Patricia Vázquez. Desta vez, a personagem aparece em meio a uma situação de assédio sexual. A voz do poema, que é explicitamente feminina, relata como ela e sua esposa, Marcela, são atingidas por este tipo de violência. O curioso é que tudo parte de “una mujer italiana” que se aproxima do casal homoafetivo. A agressão começa de maneira casual, no fato rotineiro de uma simples conversa, como geralmente acontece: “Reía con Marcela/ y en cada oportunidad / tocó/ su hombro / y las manos/ jugueteó / con su ropa”. As imagens afirmam um quadro social de violência psicológica, *basada en el sistema sexo/ género*³³ (HERNÁNDEZ-ROSE e GÓMEZ-PALACIOS, 2021, p. 2). Tal quadro *implica relaciones de poder y control asimétricas entre el perpetrador y la víctima, quien generalmente ocupa una posición de subordinación*³⁴ (HERNÁNDEZ-ROSE e GÓMEZ-PALACIOS, 2021, p. 2). É comum que a posição de perpetrador seja ocupada pelo homem, o que não acontece no poema. Certamente, a mensagem é de que o assédio pode vir de qualquer pessoa, embora tenha origem na cultura patriarcal. Como exposto na terceira estrofe, a mulher usa da dominação masculina para atacar o casal homossexual: “Soube que éramos esposas/ e se foi gritando/ que era um assédio”.

A relação entre o assédio, a homossexualidade e o vaticano, não escapa da fluência cotidiana e da ironia dos versos de Vázquez. Ao se deparar com a cena, um austríaco sorri sarcasticamente e diz: “Italia / está a un paso / de El Vaticano”. Neste ponto, a mulher assediadora é colocada como uma representação da igreja católica e suas contradições envolvendo a prática do assédio e do abuso contra mulheres e, principalmente, crianças e a condenação à homossexualidade. Com mais ironia, aspecto marcante da poesia de Patricia, o eu lírico responde: “no todas las mujeres/ eran de nuestro agrado”. Porque os discursos moralizadores e as práticas machistas podem partir até mesmo do gênero que

33 Tradução minha: baseada no sistema sexo/gênero.

34 Tradução minha: implica relações de poder e controle assimétricas entre o perpetrador e a vítima, que geralmente ocupa uma posição de subordinação.

é constantemente agredido. Certamente, a repetição desses discursos e ações acontece pela imersão em estruturas de poder machistas, a exemplo da igreja católica.

A poesia de Patricia Vázquez é a poesia do cotidiano, em que as violências são naturalizadas e destiladas facilmente. Ela fala de mulheres que sofrem com isso e retribuem com ironia, zombando dos moralistas. Além disso, coloca em discussão os perigos da naturalização do assédio sexual nas situações cotidianas. Discursos propagados na sociedade contra à educação para gênero e sexualidade, por exemplo, podem impulsionar atos discriminatórios e excluir “da consciência as violências praticadas contra os que não seguem a heteronormatividade” (DE CÁSSIA PORTELLA; DA SILVA SANTAIANA, 2019, p. 86). Desse modo, “fazemos importante participação na propagação de discursos de assédio e sua banalização quando não enxergamos os produtos do assédio e dos “maus tratos emocionais” (FELIPE; GALET, 2016, apud DE CÁSSIA PORTELLA; DA SILVA SANTAIANA, 2019, p. 86) e não os enfrentamos. Esse é um dos recados de 29 de julho de 2016. Uma data, um acontecimento que não pode ser esquecido ou apagado.

Agora, “Mi mejor amiga fue um rockstar”, também da poeta:

MI MEJOR AMIGA FUE UNA ROCKSTAR

cuando la detuvo una señora
en el semáforo
de Avenida Universidad
para hablarle
de pro vida
y la moda
del matrimonio homosexual.

Arderá el infierno
con su VIH
dijo

cuando de rojo a verde
cambió la luz
en que la señora
quiso detenerla
mi mejor amiga
le dijo
mi novia me espera señora.

Ella es una rockstar.

MINHA MELHOR AMIGA FOI UMA ESTRELA DE ROCK³⁵

quando a deteve uma senhora
no semáforo
da Avenida Universidad
para falar-lhe
de pró-vida
e a moda
do matrimonio homossexual.

Arderá o inferno
com o seu VIH
disse
quando do vermelho para o verde
mudou a luz
quando a senhora
quis detê-la
minha melhor amiga
lhe disse
minha namorada me espera senhora.

Ela é uma estrela do rock.

35 Tradução minha.

O poema “Mi mejor amiga fue um rockstar”, também de Patricia Vázquez e também presente no livro *Diário de uma poeta recém casada*, expõe por meio de uma situação cotidiana uma problemática social enfrentada por diversas pessoas no México e no mundo. Trata da discriminação contra as pessoas homossexuais e ao casamento entre elas. O debate político e religioso que rodeia essa questão se baseia em ideias como “família natural”, “defesa da vida e da família heterossexual” (RIBEIRO, 2019, p. 492). Logo na primeira estrofe, o eu lírico mostra isso em um fato corriqueiro, em movimento pela cidade: “cuando la detuvo una señora/ en el semáforo/ de Avenida Universidad/ para hablarle/ de pro vida/ y la moda/ del matrimonio homosexual”. Esse matrimônio é tomado como moda, como uma febre passageira. O que nega a possibilidade de que alguém nasça de fato com o interesse por uma pessoa do mesmo sexo. A poesia entra no cerne dos discursos morais e de ódio. Tais discursos provém das influências do pensamento religioso, que vêm se expandindo por todos os âmbitos da sociedade.

Protestos e resistências têm aparecido com intensidade e força política protagonizados por instituições religiosas, expoentes de partidos políticos e movimentos conservadores criticando e disseminando discordâncias (e acirrando polêmicas) acerca dessa discussão. Percebe-se um discurso alarmista que tem tomado considerável dimensão em programas e projetos políticos, na mídia – a imprensa e a da internet -, nas redes sociais, em organizações, movimentos coletivos, igrejas, entre outros, e tocado vigorosamente os imaginários sociais. (RIBEIRO, 2019, p. 492)

As questões de gênero, sob o ponto de vista religioso, ferem os valores cristãos. A imensa influência que esses “valores” possuem sobre a coletividade acabam provocando ampla rejeição e discriminação contra as pessoas homossexuais e seus direitos. Esse ambiente instiga o aparecimento de “grupos e movimentos antigênero” que tentam combater essa desestruturação da chamada “família natural” (RIBEL-

RO, 2019, p. 493). Ribeiro afirma que “o México tem se constituído em um dos diversos espaços intensamente marcados pela atuação desses grupos e seus respectivos discursos e pressão” (RIBEIRO, 2019, p. 493). As pressões desses grupos quanto a esse tema ficaram mais fortes em 2016, com o projeto de lei que permitiu que pessoas do mesmo sexo pudessem se casar na esfera civil, proposto pelo então presidente Enrique Peña Nieto (GOTLIB, 2016, apud RIBEIRO, 2019). Essa proposta causou uma erupção quase que imediata de discursos conservadores e reacionários e o aparecimento de grupos em defesa da família. “Por este motivo, o ano de 2016, no México, foi marcado por uma intensa movimentação de grupos pró família e pró vida, e a internet – em especial as redes sociais, como o Facebook - se configurou em importante ferramenta de produção e divulgação de informações” (RIBEIRO, 2019, p. 493). Aliás, as redes sociais constituem um canal de ampla circulação de informação, produção de conteúdo. Entretanto, muitas vezes essas informações e conteúdos não passam por uma “triagem” e, facilmente, podem se espalhar pela sociedade e chegar em uma simples conversa no trânsito. Assim, “as ideias políticas estão sendo constituídas – e construídas – por intermédio das novas formas de comunicação e os imaginários sociais tocados pelas narrativas e posicionamentos ideológicos expressos” (RIBEIRO, 2019, p. 493).

Os discursos gerados pela perspectiva cristã de família se espalham facilmente, seja nas mídias sociais, seja nas ruas. No poema, uma senhora imbuída dos valores pró família “detêm”/ para uma mulher e destila o seu discurso moral, carregado de ódio. O sinal vermelho, o stop na correria da vida social e a tentativa da senhora de parar a mulher remete ao ápice da discussão sobre gênero no México, mencionada acima. A reação contra o matrimônio homossexual e a tentativa de parar/aniquilar esse direito é um objetivo forte de certos grupos moralizadores e de seus devotos. Isso aparece na imagem construída nos seguintes versos: “cuando de rojo a verde/ cambió la luz/ en que la señora/ quiso detenerla”.

Outra questão discriminatória que surge no poema diz respeito ao VIH (vírus da imunodeficiência humana). A senhora, com seu discurso de ódio, sentencia por meio de sua perspectiva religiosa: “Arderá el infierno/ con su VIH”. Esse discurso está muito presente no México e tem consequências violentas para as pessoas que por ele são atingidas. Boivin (2014) expõe essas consequências e como a ascensão de direitos dessas pessoas pode provocar reações como as expostas no poema de Patricia Vázquez:

la discriminación y el prejuicio conforman un violento contexto para el desarrollo personal, la participación y la existencia social de las minorías sexuales. Los varones gays y HSH, al igual que las transexuales, son víctimas del sexismo y de la dominación masculina. Pese a su creciente visibilidad social y mediatizado empoderamiento, permanecen altos niveles de discriminación hacia las personas transexuales, travestis, homo/bisexuales, trabajadores sexuales y varones que viven con VIH. Incluso algunos datos nos llevan a pensar que la mayor visibilidad pública y social de las minorías sexuales acarrea o provoca reacciones de homofobia y transfobia más virulentas. En efecto, según podemos concluir del análisis de los resultados de los diagnósticos comunitarios participativos (DCP) llevados a cabo por Colectivo Sol A.C. en 2011 en las áreas metropolitanas de Valle de México, Puebla Tlaxcala, Monterrey, Guadalajara, Juchitán-Tehuantepec y Tijuana, así como en las ciudades de Mérida y San Luis Potosí, el estigma y la discriminación están ligados a la supervivencia de una cultura sexista y tradicional, la cual impide el acceso de las minorías sexuales a los servicios de salud e inhibe la defensa de sus derechos ciudadanos³⁶. (BOIVIN, 2014, p. 90)³²

36 Tradução minha: a discriminação e o preconceito formam um contexto violento para o desenvolvimento pessoal, a participação e a existência social das minorias sexuais. Os homens homossexuais e HSH, bem como as mulheres transexuais, são vítimas do sexismo e da dominação masculina. Apesar da sua crescente visibilidade social e mediático empoderamento, permanecem altos níveis de discriminação contra pessoas trans-

Não é aceitável nenhum direito para aqueles que não se encaixam no conceito de família tradicional. O matrimônio homossexual, então, anuncia uma afronta aos valores dessa família. Para proteger esses valores muitas pessoas destilam sua violência verbal e física contra os seus “inimigos”. No poema, a outra participante do diálogo responde a isso afirmando sua identidade e fugindo dos ataques da senhora: “mi novia me espera señora”. E depois, ironicamente completa: “Ella es una rockstar”.”.

O poema, feito de diálogos e discursos que se cruzam, como os carros e as pessoas nas esquinas e semáforos das cidades, apresenta versos livres que, mediante o seu ritmo, parecem correr/deslizar/fugir dos discursos moralistas e carregados de ódio.

“Mi mejor amiga fue um rockstar”, mostra os discursos de ódio transitando pela cidade e colidindo com identidades massacradas, na tentativa de silenciá-las e apagá-las. Além disso, coloca como é comum e cotidiano as situações de preconceito e discriminação direcionadas as pessoas transgênero. Patricia Vázquez evoca a poesia do cotidiano e seus enfrentamentos e violências contra os corpos, que se insinuam, por vezes, disfarçadas de preceitos morais.

Seguimos com um poema de Erik Moya.

sexuais, travestis, homossexuais/bissexuais, trabalhadores do sexo e homens vivendo com VIH. Inclusive alguns dados levam-nos a pensar que a maior visibilidade pública e social das minorias sexuais leva ou provoca reações de homofobia e transfobia mais virulentas. Com efeito, segundo podemos concluir da análise dos resultados dos diagnósticos comunitários participativos (DCP) realizadas pelo Coletivo Sol A.C.2 em 2011 nas áreas metropolitanas de Valle de México, Puebla-Tlaxcala, Monterrey, Guadalajara, Juchitán-Tehuantepec e Tijuana, assim como nas cidades de Mérida e San Luis Potosí, o estigma e a discriminação estão ligados à sobrevivência de uma cultura sexista e tradicional, a qual impede o acesso das minorias sexuais aos serviços de saúde e inibe a defesa dos seus direitos cidadãos.

NIÑO CUCARACHA PERSIGUIENDO SOMBRA

a las 2:30 de la mañana salen de los antros algunos duermen en bancas

otros despiertos con los corazones fuera del pecho

buscan las sombras para ocultarse

aquí todos somos cucarachas y el niño escupía al cielo

el que con mirada perdida salía de las coladeras a las doce de la noche

tenía las venas a punto de explotar por dentro

con tan pocos años su rostro nublado anunciaba una tormenta

por estómago tenía un hoyo negro negrísimo sin luz dentro

y esperaba bajo los árboles en búsqueda de un abrazo fuerte por la [espalda

pedía dinero a cambio de besos a los chichifos drogados

a veces por miedo a la oscuridad avisaba a la policía

siempre le aterraba la fiebre de una mano que se atreve (1)

pero lo desaparecieron y lo aplastaron como cucaracha de calle

(Mayo 2017. Centro Histórico. Morelia, Mich. Menor de edad se prostituía en Plaza de Armas)

MENINO BARATA PERSEGUINDO SOMBRA³⁷

às 2:30 da manhã saem dos antros alguns dormem em bancos

outros despertam com os corações fora do peito

buscam as sombras para ocultar-se

aqui todos somos baratas e o menino cuspiam para o céu

o que com um olhar perdido saía dos esgotos às doze horas da noite

tinha as veias a ponto de explodir por dentro

com tão poucos anos seu rosto nublado anunciava uma tormenta

no estômago tinha um buraco negro negríssimo sem luz dentro

e esperava debaixo das árvores em busca de um abraço forte pelas [costas

pedia dinheiro em troca de beijos aos prostitutas drogados

As vezes por medo do escuro avisava a polícia

sempre lhe aterrorizava a febre de uma mão que se atreve (1)

mas o desapareceram e o esmagaram como uma barata de rua

(Maio de 2017. Centro Histórico. Morelia, Mich. Menor de idade se prostituía na Plaza de Armas).

37 Tradução minha.

O poema “Niño cucaracha persiguiendo sombra”, de Erick Moya, expõe como a prostituição infantil e o abuso se mostram no momento mais obscuro da cidade, quando poucos podem ver e só restam pelas ruas os marginalizados, que lutam pela sobrevivência por meio da comercialização do corpo. Estes são aqueles que “a las 2:30 de la mañana salen de los antros”, “duermen en bancas”, “despiertos con los corazones fuera del pecho”, “buscan las sombras para ocultarse”. Nesse cenário de desprezo social todos são como baratas, ocupando uma espécie de submundo “sujo” da cidade. Um espaço de exclusão. Um mundo cheio de perigos e metáforas sombrias. É nesse contexto que se insere a prostituição de menores.

Esse problema social *ha sido parte de los procesos de civilización en prácticamente todas las culturas del mundo*³⁸ (GÓMEZ-SAN LUIS e ALMANZA-AVENDAÑO, 2013, p. 648) durante o curso da história. Apesar do problema ser antigo e haver debates e leis ao seu redor, a exploração sexual continua a violentar milhares de crianças, principalmente nas noites das grandes cidades.

Dado que la explotación sexual comercial involucra a redes de crimen organizado de diversa magnitud - locales, nacionales y transnacionales -, el rescate de las víctimas y su recuperación son tareas para las que hasta el momento no se cuenta con modelos o prácticas exitosas en México. Por el contrario, la explotación sexual comercial de niñas, niños y adolescentes se ha incrementado en los últimos años³⁹. (AZAOLA, 2005, apud GÓMEZ-SAN LUIS e ALMANZA-AVENDAÑO, 2013, p. 649).

38 Tradução minha: tem sido parte dos processos de civilização em praticamente todas as culturas do mundo.

39 Tradução minha: Dado que a exploração sexual comercial envolve redes de crime organizado de diversa magnitude - locais, nacionais e transnacionais - o resgate das vítimas e a sua recuperação são tarefas para as quais até o momento não se contam com modelos ou práticas bem sucedidas no México. Pelo contrário, a exploração sexual comercial de meninas, meninos e adolescentes aumentou nos últimos anos.

Dados de alguns anos atrás sobre essa violência dizem *que entre 20 mil y 80 mil niñas y niños son explotados sexualmente en este país*⁴⁰ (AR-GÜELLO, 2011, apud GÓMEZ-SAN LUIS e ALMANZA-AVENDAÑO, 2013, p. 649, tradução minha). O caso exposto no poema mostra como essa exploração pode afetar o psicológico de uma criança: “con tan pocos años su rostro nublado anunciaba una tormenta” [...] “siempre le ater-raba la fiebre de una mano que se atreve”. A tormenta e o terror desenhavam a atmosfera dos versos e os sentimentos do menino. Diante da necessidade de continuar nessa vida para sobreviver e de ao mesmo tempo não querer estar imerso no “esgoto” que é a prostituição, o menino “tenía las venas a punto de explotar por dentro”, isto é, tinha raiva do mundo e enxergava como uma representação da perversidade. Negaram-lhe a infância e, por este motivo, se escondia nas sombras, nas esquinas, nas árvores para sobreviver: “y esperaba bajo los árboles en búsqueda de un abrazo fuerte por la [espalda/ pedía dinero a cambio de besos a los chichifos drogados”.

Esse lugar perverso o via como uma barata, que só deve existir no esgoto. Se saísse durante o dia seria esmagado. A noite era propício para seu aparecimento, hora em que a prostituição encontra sua “luz”. No fim, o menino barata some: “pero lo desaparecieron y lo aplastaron como cucaracha de calle”. Não se sabe se morto, violentado ou traficado. Resposta que a escuridão dos esgotos esconde como o menino se escondia.

A poesia de Erick Moya tira as imagens escondidas na escuridão, nos esgotos para mostrar que há outras cidades e mundos dentro de um. E vai além, ao detalhar como a violência se insinua de maneira mais forte nesse mundo aquém. As ruas, praças, periferias e esquinas das grandes cidades, geralmente durante a noite, são lugares onde a

40 Tradução minha: que entre 20 mil e 80 mil meninos e meninas são exploradas sexualmente neste país.

violência encontra refúgio e se volta contra os seus vulneráveis habitantes. Uma violência silenciosa, que é gritada sombriamente pelo eu lírico, que também se reconhece como uma barata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As revistas literárias *Estrépito* e *Granuja Revista* e o blog *Fuego de Luka* se configuram como importantes espaços de criação e difusão de poesia. O diálogo com o contexto, a busca pela experiência humanizadora e por vozes desconhecidas, fora do que é definido como produção artística canônica, constroem a base dos projetos de difusão dessas revistas e desse blog. Embora sejam diferentes na estrutura e em algumas ideias, esses espaços se completam e enriquecem o campo cultural mexicano. Cada um, com sua própria organização e estrutura, tenta promover a divulgação e a criação de maneira acessível, buscando a inquietude, a inconformidade e a experiência de cura. Nesses espaços, o poeta, o escritor, o artista, do iniciante e jovem ao experiente e desconhecido, encontram maneiras de expressar, criar e recriar olhares sobre o mundo e o seu contexto. A publicação desses artistas é democrática e o acesso aos seus textos é facilitado. A difusão impressa para o local de produção, como no caso específico das revistas, e a difusão digital para o mundo todo geram um amplo compartilhamento de visões, de poesia e de problemas que afetam o México.

A poesia exposta nesses ambientes aborda diversas temáticas, sobretudo a metalinguagem e a social. Sobre essa última, que foi nosso foco de estudo, é notável a forte presença da discussão sobre as violências. Sim, uma violência plural: A violência contra os povos indígenas, as mulheres, os homossexuais, as crianças, os corpos que não servem mais para a estrutura do capitalismo e todos os que estão na margem da so-

cidade. O blog e as revistas escancaram em toda sua configuração, que vai da seleção de textos à publicação, como a violência se insinua na América Latina e no México. Episódios históricos recentes do país, como o desaparecimento forçado, o feminicídio de Juárez, o aparecimento de covas clandestinas, o debate sobre o aborto e as discussões sobre o casamento entre pessoas homossexuais aparecem nos versos dos poemas dos poetas mexicanos contemporâneos aqui apresentados, como forma de protesto e denúncia. Em algumas poesias a violência se revela de forma impactante e em outras de forma mais irônica. O histórico, o cultural e o cotidiano são elementos recorrentes na poesia apresentada na revista *Estrépito*, na *Granuja* revista e no *Fuego de Luka*. Esses elementos mostram como a violência está inscrita na estrutura do país azteca. Violência que se revela em fatos cotidianos, da espera casual no sinal de trânsito a naturalidade de um passeio, em lugares que escondem pessoas marginalizadas, em momentos em que a cidade expõe suas crueldades, em desterritorializações de povos e copos, em momentos de luta por direitos, em momentos culturalizados. A poesia social presentificada nessas revistas literárias e nesse blog não só denuncia a violência contra os corpos vulneráveis e a ausência de proteção para eles, como também mostra a inquietude e a inconformidade diante daquilo que não é experiência humanizadora. A experiência que essas poesias proporcionam é a consciência dos problemas e lutas que constroem o agora.

Sobre a construção dessa experiência, é importante não esquecer do trabalho com a palavra apresentado nos poemas. O jogo com a estrutura, com as figuras de linguagem e ocupação dos poemas nas páginas merecem destaque. Tais aspectos criam uma experiência mais forte e rica em detalhes. Essa diversidade escrita das poesias deixa evidente a riqueza de espaços de difusão e criação como a *Estrépito*, a *Granuja* e o *Fuego de Luka*.

Nesses espaços, o encontro com a poesia, com a palavra que humaniza é impactante e esteticamente experimental. Impactante porque

provoca debates sobre a realidade cruel e esteticamente experimental porque propõe novos jeitos de se criar e recriar, propõe o desconhecido, o invisível, o marginal.

A conexão entre as revistas literárias, o blog e a poesia social se resume a uma palavra: Resistência. Avessas aos silenciamentos, elas seguem criando e ecoando as inquietudes, as inconformidades, as denúncias e as experiências humanizadoras, de vozes desconhecidas e emergentes, imbuídas de distintas percepções do mundo e da arte.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ulisses Viana. **Valle-Inclán: o intelectual e suas perspectivas sobre América Hispânica (1920-1931)**. 2016. 195p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29082016-104306/publico/2016_UlissesVianaAlves_VOrig.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

BACA, Andrea Santos. A desapareição forçada de 43 estudantes mexicanos: a história de um crime de Estado que mostrou ao mundo a barbárie existente no México. **Revista do NIEP-Marx**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 426-432, dez. 2014. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/77>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BARRIENDOS, Joaquin. Violência Espectral: Arte e desaparecimento no México pós-Ayotzinapa. **Porto arte: Revista de Artes Visuais**, Porto alegre, v. 24, n. 42, nov/dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/111379/60618>. Acesso em: 19 mar. 2022.

BOIVIN, Renaud René. "Se podrían evitar muchas muertas": discriminación, estigma y violencia contra minorías sexuales en México. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, sem volume, n. 16, p. 86-120, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/qRZM9NY7mzctKZVYr56QBZK/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 26 fev. 2022.

BOLÁN, Eduardo Nivón. La Ciudad de México vista desde la periferia o la ingobernabilidad de la megalópolis. **Ponto Urbe: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, sem volume, n. 18, jul. 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3063>. Acesso em: 10 fev. 2022.

CAMARGO, Maria Lucia De Barros. Por que ainda lemos revistas de poesia? Apontamentos para o estudo da poesia brasileira em suas revistas. **Boletim de Pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 13, n. 20, p. 5-14, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2013v13n20p5/27566>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CRISTINO, Israel Mireles. Constelaciones poéticas: sobre algunas antologías de la nueva poesía mexicana (2010-2020). **(an) ecdótica**, Ciudad de México, v. 6, n. 1, p. 127-

141, jan. 2022. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/anEcdotica/index.php/anec/article/view/126/97>. Acesso em: 26 fev. 2022.

DE CÁSSIA PORTELLA, Rita; DA SILVA SANTAIANA, Rochele. Relações entre “ideologia de gênero” e assédio: o poder dos discursos na constituição de comportamentos. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 3, p. 79-90, nov. 2019. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5598>. Acesso: 18 mar. 2022.

ESTRÉPITO. n. 1, p. 6-7, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaestrepito.wordpress.com/numeros-de-estrepito/>. Acesso em: 18 dez. 2021.

ESTRÉPITO. n. 2, p. 4-6, out. 2020. Disponível em: <https://evistaestrepito.wordpress.com/numeros-de-estrepito/>. Acesso em: 18 dez. 2021.

ESTRÉPITO. n. 3, p. 10, mai. 2021. Disponível em: <https://revistaestrepito.wordpress.com/numeros-de-estrepito/>. Acesso em: 18 dez. 2021.

ESTRÉPITO. n. 4, p. 5-6, set. 2021. Disponível em: <https://revistaestrepito.wordpress.com/numeros-de-estrepito/>. Acesso em: 18 dez. 2021.

GRANUJA. n. 1, p. 11-12, out. 2019. Disponível em: <https://granujarevista8.webnode.es/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

GRANUJA. n. 2, p. 11-12, mai. 2020. Disponível em: <https://granujarevista8.webnode.es/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

GRANUJA. n. 4, p. 30, out. 2020. Disponível em: <https://granujarevista8.webnode.es/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

GRANUJA. n. 5, p. 10, nov. 2020. Disponível em <https://granujarevista8.webnode.es/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

CÓMEZ-SAN LUIS, Anel Hortensia; ALMANZA-AVENDAÑO, Ariagor Manuel. Análisis crítico de discursos sobre prostitución de niñas y adolescentes. **Revista latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud**, Colômbia, v. 11, n. 2, p. 647-658, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v11n2/v11n2a14.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2022.

GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Gabriela del Carmen. Las metáforas de la cruz: un caso de penetración ideológica en el estado de Colima, México. **Relaciones: Estudios de historia y sociedad**, México, v. 32, n. 128, p. 29-52, jan. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/rz/v32n128/v32n128a3.pdf>. Acesso: 03 abr. 2022.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419/8619>. Acesso em: 20 mai. 2022.

HERNÁNDEZ-ROSETE, Daniel; CÓMEZ-PALACIOS, Juan Carlos. Ser mujer y estudiar leyes: aproximaciones antropológicas al acoso y su resistencia em una universidad pú-

blica de la Ciudad de México, México. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, sem número, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YKWjFdfXCwbq5RSDBFWxFby/?format=pdf&lang=es>. Acesso: 07 mar. 2022.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P2177-6342.2016v7n13p194/9735>. Acesso em: 02 mar. 2022.

HOMERO, José. Carta de poesía mexicana contemporánea. **Paraíso: revista de poesía**, sem volume, n. 16, p. 77-87, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7715686>. Acesso em: 27 mar. 2022.

LIMA, Adalberto de Salles. **Violência, segurança pública e famílias vitimadas**: homicídios policiais no Brasil e desaparecimento forçado no México. 2021. 176p. Dissertação (Mestrado em Ciências sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/41398/1/2021_AdalbertodeSallesLima.pdf. Acesso em: 17 abr. 2022.

LINDÓN, Alicia. Violencia/miedo, espacialidades y ciudad. **Casa del tiempo**, Ciudad de México, v. 1, n. 4, p. 8-14, fev. 2008. Disponível em: http://www.uam.mx/difusion/casadeltiempo/04_iv_feb_2008/index.html. Acesso em: 30 mar. 2022.

LOBO, Patrícia Alves. O feminicídio de Juárez: alterações econômicas, narrativas sociais e discursos coloniais na fronteira dos EUA e MÉXICO. **Ex aequo**, Lisboa, sem volume, n. 34, p. 45-58, 2016. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/o-feminicidio-de-juarez-alteracoes-economicas-narrativas-sociais>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MAIER, Elizabeth. La disputa sobre el aborto en México: Discursos contrastados de personificación, derechos, la familia y el Estado. **Revista Gerencia y Políticas de Salud**, Bogotá, v. 14, n. 29, p. 10-24, 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-70272015000200002&script=s_ci_abstract&tIlg=pt. Acesso em: 04 mar. 2022.

MAGALLANES-BLANCO, Claudia. Las Voces que Somos, um enunciado da mídia dialógica indígena para a libertação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 51-70, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/192711/178835>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MELO, Jorge Orlando. Las revistas literarias en Colombia e Hispanoamérica: una aproximación a su historia. In: Segundo Seminario de Edición Profesional para Revistas y Publicaciones Seriadadas, Bogotá, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/27483563/Revistas_literarias_y_culturales_en_Colombia_e_Hispanoam%C3%A9rica. Acesso em: 20 fev. 2022.

PATRICIO, Thiago Seti; MAGNONI, Maria Da Graça Mello. Leitura e literatura na internet: Um estudo acerca dos textos oriundos do ciberespaço. In: CONGRESSO

INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: ENCONTRO DE EDUCADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. 2018, São Carlos. **Anais do CIET: ENPED**. São Carlos: UFSCAR, 2018, p. 1-16. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/593/466>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PELOSQUIETOS. **Poetas mexicanos**: heraldos. Fuego de Luka, 6 de jun. 2020. Disponível em: <https://fuegodeluka.com/2020/06/06/poetas-mexicanos-heraldos/>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PIÑERO, ES Speratti. Valle-Inclán y México. **Historia Mexicana**, México, v. 8, n. 1, p. 60-80, jul./set. 1958. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/125134940>. Acesso em: 14 mar. 2022.

QUINTERO VENEGAS, Gino Jafet et al. Tauromaquia y turismo oscuro en México: las corridas de toros como prácticas no éticas. **Teoría y Praxis**, México, n. 24, p. 197-228, jan./abr. 2018. Disponível em: http://risisbi.uqroo.mx/bitstream/handle/20.500.12249/1325/Quintero_Lopez-8.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 fev. 2022.

RIBEIRO, Edméia. “Ideologia de gênero”: ofensiva reacionária, pânico e cruzada moral no México (2016). **Antíteses**, Londrina, v. 12, n. 24, p. 488-516, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/38184/26845>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ROCCA, Pablo. Por que, para que uma revista: Sobre sua natureza e sua função no campo cultural latino-americano. Tradução: Doralicia Furtado da Rosa (UFSC) e George Luiz França (Mestrando em Teoria Literária, bolsista do CNPq - UFSC). **Boletim de Pesquisa NELIC**, p. 01-22, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1597/1324>. Acesso em: 14 fev. 2022.

RODRÍGUEZ, Oscar. ¿De dónde salieron y a dónde se fueron? Migración interna de regiones

de alta violencia en México en las últimas dos década. **Revista EURE-Revista de Estudios Urbano Regionales**, v. 48, n. 144, p. 01-23, mai. 2022. Disponível em: <http://eure.cl/index.php/eure/article/view/EURE.48.144.12/1450>. Acesso em: 23 mai. 2022.

SOARES, Caroline Ferreira. **BOOM LATINO-AMERICANO: MOVIMENTO ESTÉTICO-POLÍTICO OU FENÔMENO DA SOCIEDADE DE CONSUMO?**. Sem data. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sihl/assets/2015/27.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

WELLE, Deutsche. **A guerra contra as mulheres no México**. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/20/a-guerra-contra-as-mulheres-no-mexico.ghtml>. Acesso em: 05 fev. 2022.

Werneck, Larissa. **Violência custou ao México US\$243 bilhões em 2021, o equivalente a 20,8% do PIB.** Uol notícias, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/05/23/violencia-custou-ao-mexico-us243-bilhoes-em-2021-o-equivalente-a-208-do-pib.htm>. Acesso em: 23 mai. 2022.



ANEXO I

ENTREVISTA CON EL EDITOR DE LA GRANUJA REVISTA

DM: ¿Qué motivó la creación de la revista/blog? ¿Y cuándo habéis puesto en marcha el proyecto?

AGB: El proyecto Granuja tuvo su origen en el año 2018, con su número 0. La motivación inicial para la creación de la revista fue la búsqueda de un espacio alternativo para la creación artística en el estado de Guanajuato, México; un espacio diferente a los creados alrededor de las instituciones universitarias y de los órganos gubernamentales.

DM: ¿Cuáles han sido los desafíos encontrados en el mantenimiento de la revista/blog?

AGB: El primer desafío fue el de consolidarse como un espacio con calidad creativa llamativo para los escritores, ya que al ser una revista independiente se tiene el estigma de que lo que se hace no tiene trabajo ni calidad ni autocrítica. Otro desafío ha sido, en el mismo telón de independencia, en descentralizar la creación y hacernos dueños de nuestras propias herramientas sin depender de los recursos universitarios y gubernamentales.

DM: ¿Cuáles son las ideas detrás del nombre de la revista/blog?

AGB: La idea del nombre Granuja es la de la irreverencia y el juego político de ir contra de lo establecido. Se eligió una palabra que significa la irreverencia y la marginación del bribón, que se burla del establishment, y a la vez es una palabra ya no muy usada en el español actual para rescatarla y darle un significado renovado.

DM: ¿Cuáles son los criterios de selección de los textos a publicar?

AGB: La calidad literaria, es decir el ejercicio de escritura dentro de los textos; la búsqueda de la innovación y la experimentación, tanto en la forma como en el fondo.

DM: ¿Hay mayor atención al espacio de la poesía en la revista/blog?

AGB: Por ser la forma más concisa y en la cual se escribe la mayoría de literatura actual, la poesía es la que recibe mayor atención; no como una atención buscada, sino una consecuencia del clima literario actual.

DM: ¿Qué temas interesan más a la revista/al blog? ¿Por qué?

AGB: La revista se creó para difundir distintos tipos de estilos, formatos y temáticas en los géneros del cuento, la poesía, el ensayo, así como de la ilustración y la fotografía. En las últimas publicaciones se ve que se ha orientado más el contenido hacia la obra poética. Los temas son variados, ya que lo primero en lo que nos fijamos es en el texto como forma, no como contenido.

DM: ¿Las revistas solo publican autores jóvenes y latinoamericanos?

AGB: No, se publica a todo tipo de personas, en cualquier idioma. La frecuencia de autores jóvenes y latinoamericanos que aparecen es por la cercanía del idioma, y porque los textos de los jóvenes son los que suelen estar más cerca de lo que se busca en la revista: la innovación y la experimentación.

DM: ¿Las revistas se publican solo electrónicamente o también en forma impresa? Si en la forma impresa, ¿Cuál es la cantidad de ejemplares y como se hacen las ventas?

AGB: Se hace una publicación dual, para que pueda ser leída para un número mayor de lectores no sólo mexicanos sino de otras latitudes. Cuando se publica digitalmente se hace mediante la plataforma issuu. De forma impresa, la cantidad de ejemplares que se imprime por número es de 50. Las ventas se hacen mediante las redes sociales, y se hacen envíos a todo México.

DM: ¿Cuál es la frecuencia de las publicaciones?

AGB: La frecuencia ha sido irregular, debido a los sucesos presentes como la pandemia, pero siempre se ha tratado de que fuese bimestral.

DM: ¿El blog tiene un proyecto para publicar en forma impresa?

AGB: Sí, de hecho ya se publica de forma impresa desde el número 4.

DM: ¿A qué público están dirigidas las publicaciones?

AGB: A todo tipo de público interesado en la literatura, como lectura y como escritura.

DM: ¿Qué tipo de experiencia pretende ofrecer la revista/blog a sus lectores?

AGB: La del encuentro con la creación artística actual, la creación de puentes creativos con distintas latitudes, con formas de pensar diferentes, con visiones distintas de literatura, y las inquietudes de las generaciones que construyen actualmente el pensamiento artístico.

DM: ¿Después de publicada, qué tipo de experiencia la revista/el blog ofrece a sus editores?

AGB: Una experiencia enriquecedora, pues al leer y discernir en la elección de las obras publicables se aprende de los ejercicios de los autores y de sus reflexiones; también al momento de maquetar y corregir se ejercita la labor editorial y se puede reflexionar sobre la misma y sus diferentes opciones en la elaboración de las revistas como objetos físicos, así como de conceptos.

ENTREVISTA COM O EDITOR DA GRANUJA REVISTA (TRADUÇÃO)

DM: O que motivou a criação da revista/blog?

AGB: A motivação inicial para a criação da revista foi a procura de um espaço alternativo para a criação artística no estado de Guanajuato, México; um espaço diferente dos criados em torno de instituições universitárias e órgãos governamentais.

DM: Quais os desafios encontrados na manutenção da revista/ blog?

AGB: O primeiro desafio foi o de se consolidar como um espaço com qualidade criativa chamativa para os escritores, uma vez que sendo uma revista independente se tem o estigma de que o que se faz não tem trabalho, nem qualidade nem autocrítica. Outro desafio tem sido, no mesmo contexto da independência, em descentralizar a criação e fazermos-nos donos de nossas próprias ferramentas sem depender de recursos universitários e governamentais.

DM: Quais as ideias por trás do nome que leva a revista?

AGB: A ideia do nome Granuja é a da irreverência e do jogo político de ir contra o estabelecimento. Se elegeu uma palavra que significa a reverência e marginalização do malandro, que escarnece do estabelecimento, e ao mesmo tempo é uma palavra que já não é muito usada no espanhol de hoje, foi escolhida para a resgatar e dar-lhe um significado renovado

DM: Quais são os critérios para a seleção dos textos a serem publicados?

AGB: A qualidade literária, ou seja, o exercício de escrita dentro dos textos; a procura da inovação e da experimentação, tanto na forma como no conteúdo.

DM: Existe uma atenção maior para o espaço da poesia na revista / blog?

AGB: Por ser a forma mais concisa e na qual se escreve a maioria da literatura atual, a poesia é a que recebe mais atenção; não como uma atenção buscada, mas uma consequência do clima literário atual.

DM: Quais temáticas mais interessam? Por quê?

AGB: A revista foi criada para difundir distintos tipos de estilos, formatos e temáticas nos gêneros de conto, poesia, ensaios, assim como ilustração e fotografia. Nas últimas publicações se vê que há uma orientação mais para o conteúdo da obra poética. Os temas são variados, já que a primeira coisa que nos fixamos é no texto como forma e não como conteúdo.

DM: As revistas só publicam autores jovens e latino-americanos?

AGB: Não, se publica todo o tipo de pessoas, em qualquer idioma. A frequência de autores jovens e latino-americanos que aparecem é pela proximidade do idioma, e porque os textos dos jovens são os que tendem a estar mais próximos do que se busca na revista: a inovação e a experimentação.

DM: As revistas são lançadas apenas eletronicamente ou também de maneira impressa? Se de forma impressa, qual a quantidade de exemplares e como realizam as vendas?

AGB: Se faz uma publicação dupla, para que possa ser lida por um número maior de leitores, não só no México, mas também em outras latitudes. Quando se publica digitalmente se faz mediante a plataforma issuu. De forma impressa, a quantidade de exemplares que se imprime por número é de 50. As vendas se fazem mediante as redes sociais, e se fazem os envios para todo o México.

DM: Qual a periodicidade das publicações?

AGB: A frequência tem sido irregular, devido a acontecimentos presentes como a pandemia, mas sempre se tem tratado de que fosse bimensal.

DM: O blog possui algum projeto para publicar de forma impressa?

AGB: Sim, de fato já se publica de forma impressa desde o número 4.

DM: A que público se destina as publicações?

AGB: A todo tipo de público interessado na literatura, como leitura e como escrita.

DM: Que tipo de experiência a revista/ blog tem por objetivo propor a seus leitores?

AGB: O do encontro com a criação artística atual, a criação de pontes criativas com distintas latitudes, com formas de pensar diferentes, com visões distintas de literatura, e as preocupações das gerações que constroem atualmente o pensamento artístico.

DM: Depois de publicada, que tipo de experiência a revista/ blog oferece a seus editores?

AGB: Uma experiência enriquecedora, pois ao ler e discernir na eleição das obras publicáveis, aprende-se com os exercícios dos autores e as suas reflexões; também no momento da diagramação e da revisão, exercita-se o labor editorial e pode-se refletir sobre a mesma e suas diferentes opções na elaboração das revistas como objetos físicos, assim como conceitos.

ANEXO II

ENTREVISTA CON EL EDITOR DEL BLOG FUEGO DE LUKA

DM: ¿Qué motivó la creación de la revista/blog? ¿Y cuándo habéis puesto en marcha el proyecto?

AEGE: La creación de mi plataforma editorial está fuertemente unida a aspectos personales, ligadas a un asunto de salud mental e intenciones de crear un espacio creativo. El proyecto nació cuando estaba en primer año del Doctorado en Literatura Hispanoamericana y atravesaba por una fuerte tensión emocional, tanto por los últimos coletazos de una depresión como el fastidio de la propia academia. Entonces, la formación de esta plataforma tuvo la intención de ser parte del proceso curativo y de relajación, ya que me permitiría leer a otros autores y ejercitar la traducción y la creación literaria, las cuales las tenía bastante descuidadas. El proyecto comenzó a finales de 2019, no tengo con precisión la fecha. Creo que, a diferencia de otros proyectos editoriales, no me interesaba sino mi propia salud, a partir del ejercicio de la literatura.

En un principio, no estaba interesado en que la plataforma creciera, pero, por intermediación de mi pareja y varios amigos, me hicieron ver el impacto o la relevancia de un proyecto así. En este sentido, al primero que debo agradecer es al poeta Uriel Martínez, que falleció el año 2020. Más bien, él fue quien le dio forma y, en cierto modo, sentó las bases para lo que es hoy.

DM: ¿Cuáles han sido los desafíos encontrados en el mantenimiento de la revista/blog?

AEGE: La publicidad y la divulgación de la plataforma, más sabiendo que las nuevas generaciones están interesados en otro tipo de literatura. Además, no siempre tengo mucho tiempo para revisar la cantidad de material que se recibe, porque no

siempre son en español y en realidad no hay formalmente un equipo —en cierto modo, el equipo lo he cambiado un par de ocasiones porque no hay un compromiso real. Además, la implementación de estrategias digitales ha sido un tanto difícil y cuadrar el mantenimiento de ésta con las actividades académicas ha sido un lío.

DM: ¿Cuáles son las ideas detrás del nombre de la revista/blog?

AEGE: Por la novela corta *Luka* y el *fuego de la vida*, de Salman Rushdie.

DM: ¿Cuáles son los criterios de selección de los textos a publicar?

AEGE: Partimos de poesía y narrativa independiente o poco común, dejando a un lado la literatura comercial y canónica, priorizando aquellas expresiones escritas en español, inglés, francés y portugués. Los criterios parten de nuestro propio nicho de lectores, un público que va desde los 15 hasta los 70 años que están interesados en la escritura, pero no cuentan con una formación sólida o están construyéndose una. Por ello, los criterios están unidos a un interés de formar y educar a quienes desean escribir. En general, los criterios son:

-Brevedad, pues es agotador leer en pantalla.

-Calidad.

-Lenguaje cuidado y uso correcto de los idiomas, salvo en aquellos casos en donde los descuidos y los gazapos son parte de las estrategias literarias.

-Independiente y poco conocido.

-Ejemplos de distintas expresiones literarias.

DM: ¿Hay mayor atención al espacio de la poesía en la revista/blog?

AEGE: El espacio es equilibrado, tanto para poesía como narrativa. Se procura el equilibrio para ilustrar, como se dijo, las distintas expresiones literarias.

DM: ¿Qué temas interesan más a la revista/al blog? ¿Por qué?

AEGE: Es misceláneo, en el sentido de que hay apertura en cuanto a los temas, excepto aquellos en donde hagan apología a la violencia, el discurso de odio y la violencia a minorías sociales. Esta apertura se basa, como se menciona, a ilustrar

diferentes expresiones literarias, sin dar espacio a la literatura que claramente ataca a ciertos grupos, porque no se quiere mantener ciertos estereotipos e ideas.

DM: ¿Las revistas solo publican autores jóvenes y latinoamericanos?

AEGE: No, el repertorio es amplio y estamos interesados en la publicación de autores de otras lenguas y países.

DM: ¿Las revistas se publican solo electrónicamente o también en forma impresa? Si en la forma impresa, ¿Cuál es la cantidad de ejemplares y como se hacen las ventas?

AEGE: Solo es electrónico, aunque estamos viendo las posibilidades de formar una editorial.

DM: ¿Cuál es la frecuencia de las publicaciones?

AEGE: Por razones de economía, nuevas estrategias y de salud, se pausó el proyecto para reestructurar. Antes se publicaba diariamente y era problemático porque no se daba espacio suficiente para la publicidad.

DM: ¿El blog tiene un proyecto para publicar en forma impresa?

AEGE: No por el momento. La impresión implica más gastos que de momento no estamos interesados en solventar.

DM: ¿A qué público están dirigidas las publicaciones?

AEGE: Un público que va desde los 15 hasta los 70 años que están interesados en la escritura, pero no cuentan con una formación sólida o están construyéndose una.

DM: ¿Qué tipo de experiencia pretende ofrecer la revista/blog a sus lectores?

AEGE: Deleuze mencionaba que la literatura es todo un proceso curativo que se construye a partir de lo que hace falta —es decir, la literatura llena esos espacios con valores, que no es lo mismo que la literatura nace de necesidades por carencias, sino más bien da valores y reestructura pensamientos e ideas— y es por

ello que la plataforma pretende que cada texto sea una experiencia que le permita conocerse como seres humanos, pues antes que artistas y promotores de lectura, somos humanistas y queremos crear una salud a partir de la literatura, de ahí el rechazo a las expresiones literarias apologéticas de la violencia.

DM: ¿Después de publicada, qué tipo de experiencia la revista/el blog ofrece a sus editores?

AEGE: La divulgación de su obra en distintas partes del mundo, así como la experiencia que produce llevar los pasos posteriores a la escritura. Es decir, conocer todo el proceso editorial que le permita una formación completa del proceso creativo.

ENTREVISTA COM O EDITOR DO BLOG *FUEGO DE LUKA* (TRADUÇÃO)

DM: O que motivou a criação da revista/blog?

AEGE: A criação da minha plataforma editorial está fortemente unida a aspectos pessoais, ligadas a um assunto de saúde mental e intenções de criar um espaço criativo. O projeto nasceu quando estava no primeiro ano do Doutorado em Literatura Hispano-americana e estava em uma forte tensão emocional, tanto pelos últimos retrocessos de uma depressão como pelo fastio da própria academia. Então, a formação desta plataforma teve a intenção de ser parte do processo curativo e do relaxamento, já que me permitiria ler a outros autores e exercitar a tradução e a criação literária, as quais as tinha bastante descuidadas. O projeto começou nos fins de 2019, não tenho uma data precisa. Creio que, a diferença de outros projetos editoriais, só me interessava a minha própria saúde, a partir do exercício da literatura. Em princípio, não estava interessado no crescimento da plataforma, mas, por intermediação do meu parceiro e de vários amigos, me fizeram ver o impacto ou a relevância de um projeto assim. Nesse sentido, a primeira pessoa a quem tenho de agradecer é o poeta Uriel Martínez, que faleceu em 2020. Na verdade, ele foi quem deu forma e, de certo modo, firmou as bases do que ela é hoje.

DM: Quais os desafios encontrados na manutenção da revista/ blog?

AEGE: A publicidade e a divulgação da plataforma, mas sabendo que as novas gerações estão interessadas em outro tipo de literatura. Além disso, nem sempre tenho muito tempo para revisar a quantidade de material que se recebe, porque nem sempre são em espanhol e na realidade não há uma equipe formalmente - de certo modo, a equipe mudou um par de ocasiões porque não há um compromisso real. Além disso, a implementação de estratégias digitais tem

sido algo difícil e equilibrar a sua manutenção com as atividades acadêmicas tem sido uma confusão.

DM: Quais as ideias por trás do nome que leva a revista?

AEGE: Pelo pequeno romance *Luka* e o fogo da vida, de Salman Rushdie.

DM: Quais são os critérios para a seleção dos textos a serem publicados?

AEGE: Partimos de poesia e narrativa independente ou pouco comum, deixando de lado a literatura comercial e canônica, priorizando àquelas expressões escritas em espanhol, inglês, francês e português. Os critérios partem de no nosso próprio nicho de leitores, um público que vai desde os 15 até os 70 anos que estão interessados na escrita, mas não contão com uma formação sólida ou estão construindo uma. Por tanto, os critérios estão ligados a um interesse na formação e educação daqueles que desejam escrever. Em geral, os critérios são:

Brevidade, pois é cansativo ler na tela.

-Qualidade.

-Linguagem cuidadosa e uso correto dos idiomas, salvo naqueles casos em que o descuido e a tipografia são parte das estratégias literárias.

-Independente e pouco conhecido.

-Exemplos de distintas expressões literárias.

DM: Existe uma atenção maior para o espaço da poesia na revista / blog?

AEGE: O espaço é equilibrado, tanto para a poesia como para a narrativa. Se procura o equilíbrio é para ilustrar, como se disse, as diferentes expressões literárias.

DM: Quais temáticas mais interessam? Por quê?

AEGE: É diverso, no sentido de que há abertura em enquanto aos temas, exceto para aqueles que façam apologia à violência, ao discurso de ódio e a violência a minorias sociais. Esta abertura baseia-se, como mencionado, na ilustração de diferentes expressões literárias, sem dar espaço à literatura que claramente ataca a certos grupos, porque não se quer manter certos estereótipos e ideias.

DM: As revistas só publicam autores jovens e latino-americanos?

AEGE: Não, o repertório é amplo e estamos interessados na publicação de autores de outras línguas e países.

DM: As revistas são lançadas apenas eletronicamente ou também de maneira impressa? Se de forma impressa, qual a quantidade de exemplares e como realizam as vendas?

AEGE: Só é electrónica, embora estejamos vendo as possibilidades de formar uma editora.

DM: Qual a periodicidade das publicações?

AEGE: Por razões de economia, novas estratégias e de saúde, se pausou o projeto para reestruturar. Antes se publicava diariamente e era problemático porque não se dava espaço suficiente para a publicidade.

DM: O blog possui algum projeto para publicar de forma impressa?

AEGE: Não pelo momento. A impressão implica mais gastos que de momento estamos interessados em cobrir.

DM: A que público se destina as publicações?

AEGE: Um público que vai desde os 15 até os 70 anos que estão interessados na escrita, mas não contão com uma formação sólida ou estão construindo uma.

DM: Que tipo de experiência a revista/ blog tem por objetivo propor a seus leitores?

AEGE: Deleuze mencionava que a literatura é todo um processo curativo que se constrói a partir do que faz falta - ou seja, a literatura preenche esses espaços com valores, que não é o mesmo que a literatura nasce de necessidades por falta, mas dá valores e reestrutura pensamentos e ideias - e é por isso que a plataforma pretende que cada texto seja uma experiência que nos permita conhecer-se como seres humanos, pois antes de artistas e promotores da leitura, somos humanistas

e queremos criar uma saúde a partir da literatura, daí a rejeição de expressões literárias que são apologéticas da violência.

DM: Depois de publicada, que tipo de experiência a revista/ blog oferece a seus editores?

AEGE: A divulgação de sua obra em distintas partes do mundo, assim como a experiência que levam aos passos posteriores a escrita. Ou seja, conhecer todo o processo editorial que permita uma formação completa do processo criativo.

ANEXO III

ENTREVISTA CON EL EDITOR DE LA REVISTA *ESTRÉPITO*

DM: ¿Qué motivó la creación de la revista/blog?

JZA: Estrépito nació para ser un espacio para la divulgación y diálogo con voces incómodas, ruidosas y contestatarias que son rechazadas por las formas canónicas de expresión literaria. Nace para hacer barullo, del coraje y de la inconformidad.

DM: ¿Cuáles han sido los desafíos encontrados en el mantenimiento de la revista/blog?

JZA: Principalmente aprender a utilizar estas plataformas para publicar en ellas y seguir aprendiendo constantemente para mejorar.

DM: ¿Cuáles son las ideas detrás del nombre de la revista/blog?

JZA: Cómo un espacio pensado para las voces ruidosas e incómodas, el nombre de la revista busca comunicar eso: Estrépito. Un grito, un alarido, un ruido en movimiento que nos descoloca de la realidad.

DM: ¿Cuáles son los criterios de selección de los textos a publicar?

JZA: Nuestro criterio es variado, pero principalmente los textos seleccionados cuentan con la característica de ser textos incómodos nombrando su realidad.

DM: ¿Hay mayor atención al espacio de la poesía en la revista/blog?

JZA: No le prestamos atención a un género literario en específico, sabemos que la creación literaria (o artística) se puede manifestar de cualquier forma, incluso inesperada, así que se recibe cualquier tipo de expresión que se pueda abarcar en la escritura, cualquier propuesta de la forma ante la rabia de expresión.

DM: ¿Qué temas interesan más a la revista/al blog? ¿Por qué?

JZA: Los temas son variados, nuestras convocatorias siempre manejan temática libre, más bien lo que buscamos es notar en el texto el como es atravesado, por ejemplo, por la irreverencia, la denuncia, el contacto entre lo visceral y la experiencia cotidiana. Notar como estos estrépitos transtocan nuestra experiencia y por lo tanto las letras.

DM: ¿Las revistas solo publican autores jóvenes y latinoamericanos?

JZA: Principalmente, ya que es un espacio para la divulgación de voces emergentes en habla hispana.

DM: ¿Las revistas se publican solo electrónicamente o también en forma impresa? Si en la forma impresa, ¿Cuál es la cantidad de ejemplares y como se hacen las ventas?

JZA: De ambas formas.

Depende de la edición.

En el caso de la edición impresa de la revista, se saca un tiraje de 500 ejemplares que van a acompañados de un poemario de 100 ejemplares.

Grano Fanzine cuenta con un tiraje de 100 ejemplares, todo viendo a la necesidad de la edición.

La distribución es por medio de los medios de comunicación y enviado por servicio de paquetería.

También se busca espacios para puntos fijos de venta, así como las presentaciones, ferias de libro, bazares, eventos culturales, etc.

DM: ¿Cuál es la frecuencia de las publicaciones?

JZA: La revista se publica cuatrimestralmente, es decir, tres veces al año, de las cuales dos son publicaciones digitales y una impresa. Eso variando las ediciones que se sacan de forma esporádica, como los fanzines.

DM: ¿El blog tiene un proyecto para publicar en forma impresa?

JZA: El blog, como la revista, tiene el propósito de ser un espacio de divulgación, principalmente digital, de las voces emergentes. Aunque de primera forma no

tenga la intención de traspasarse a un espacio físico de publicación, han surgido proyectos dentro de la revista como lo son Pupa Fanzine y Grano Fanzine (ambos en formato físico) que han recopilado algunos de los textos compartidos en el blog.

DM: ¿A qué público están dirigidas las publicaciones?

JZA: Principalmente al público latinoamericano, ya que la revista está escrita, principalmente, en español, aunque eso no ha limitado el contacto que hemos tenido con otras partes del mundo, como Alemania, por ejemplo.

DM: ¿Qué tipo de experiencia pretende ofrecer la revista/blog a sus lectores?

JZA: Buscamos incomodar, incomodar de cualquier forma, el arte no siempre es bonito o agradable, a veces es fuerte, visceral y transgresor.

Eso se pretende, cada quien lo recibe como lo tenga que recibir.

DM: ¿Después de publicada, qué tipo de experiencia la revista/el blog ofrece a sus editores?

JZA: Dentro de nuestras posibilidades, dejando a un lado todo el proceso editorial de por medio para la publicación del texto (corrección de estilo, edición, etc), se regalan ejemplares a quienes colaboran como una forma simbólica de agradecimiento ya que al ser independientes no podemos dar una remuneración como respuesta a la publicación.

Pero sí procuramos la constante divulgación de su trabajo así como presentaciones del proyecto, entre otras cosas.

ENTREVISTA COM O EDITOR DA REVISTA *ESTRÉPITO* (TRADUÇÃO)

DM: O que motivou a criação da revista/blog?

JZA: *Estrépito* nasceu para ser um espaço para a divulgação e o diálogo com vozes incomodadas, ruidosas e contestadoras que são rechaçadas pelas formas canônicas de expressão literária. Nasceu para fazer barulho, da coragem e da inconformidade.

DM: Quais os desafios encontrados na manutenção da revista/ blog?

JZA: Principalmente aprender a utilizar estas plataformas para publicar nelas e seguir aprendendo constantemente para melhorar.

DM: Quais as ideias por trás do nome que leva a revista?

JZA: Como um espaço pensado para as vozes ruidosas e incomodadas, o nome da revista busca comunicar isto: *Estrépito*. Um grito, um alarido, um ruído em movimento que nos desloca da realidade.

DM: Quais são os critérios para a seleção dos textos a serem publicados?

JZA: Nosso critério é variado, mas principalmente os textos selecionados contam com a característica de serem textos incômodos nomeando a sua realidade.

DM: Existe uma atenção maior para o espaço da poesia na revista / blog?

JZA: Não prestamos atenção a um gênero literário específico, sabemos que a criação literária (ou artística) pode manifestar-se de qualquer forma, inclusive inesperada, assim que se recebe qualquer tipo de expressão que se possa abarcar na escrita, qualquer proposta de forma ante a fúria da expressão.

DM: Quais temáticas mais interessam? Por quê?

JZA: Os temas são variados, as nossas convocatórias sempre manejam temáticas livres, na verdade o que buscamos é notar no texto como ele é atravessado, por exemplo, pela irreverência, denúncia, contato entre o visceral e a experiência cotidiana. Notar como esses confrontos transcendem a nossa experiência e, portanto, as letras.

DM: As revistas só publicam autores jovens e latino-americanos?

JZA: Principalmente, já que é um espaço de divulgação de vozes emergentes em fala hispânica.

DM: As revistas são lançadas apenas eletronicamente ou também de maneira impressa? Se de forma impressa, qual a quantidade de exemplares e como realizam as vendas?

JZA: De ambas formas

Depende da edição.

No caso da edição impressa da revista, é retirada uma tiragem de 500 exemplares, que vão acompanhados por uma coletânea de poemas de 100 exemplares.

Grano Fanzine conta com uma tiragem de 100 exemplares, tudo vindo a necessidade da edição.

A distribuição é por meio dos meios de comunicação e enviada por serviço de encomendas.

Também se busca espaços para pontos de fixos de venda, assim como as apresentações, feiras de livros, bazares, eventos culturais, etc.

DM: Qual a periodicidade das publicações?

JZA: A revista se publica de quadrimestralmente, ou seja, três vezes ao ano, as quais duas são publicações digitais e uma impressa. Isso variando as edições que se retiram de forma esporádica, como as fanzines.

DM: O blog possui algum projeto para publicar de forma impressa?

JZA: O blog, como a revista, tem o propósito de ser um espaço de divulgação, principalmente digital, das vozes emergentes. Embora de primeira forma não tenha a

intenção de transpassar-se para um espaço físico de publicação, têm surgido projetos dentro da revista, como são Pupa Fanzine e Grano Fanzine (ambos em formato físico) que têm compilado alguns dos textos compartilhados no blog.

DM: A que público se destina as publicações?

JZA: Principalmente ao público latino-americano, já que a revista está escrita, principalmente, em espanhol, embora isso não tenha limitado o contato que temos tido com outras partes do mundo, como a Alemanha, por exemplo.

DM: Que tipo de experiência a revista/ blog tem por objetivo propor a seus leitores?

JZA: Buscamos incomodar, incomodar de qualquer forma, a arte nem sempre é bonita ou agradável, aas vezes é forte, visceral e transgressiva.

É isso que se pretende, cada qual a recebe como têm de a receber.

DM: Depois de publicada, que tipo de experiência a revista/ blog oferece a seus editores?

JZA: Dentro das nossas possibilidades, deixando de lado todo o processo editorial envolvido na publicação do texto (correção de estilo, edição, etc.), se doam exemplares àqueles que colaboram como forma simbólica de agradecimento, já que por sermos independentes não podemos dar uma remuneração como resposta à publicação.

Mas procuramos a constante divulgação do seu trabalho, assim como apresentações de projeto, entre outras coisas.

